

Frei Luís de Sousa

Almeida Garrett



Biblioteca
Digital

Colecção
CLÁSSICOS
DA LITERATURA
PORTUGUESA

 PORTO
EDITORIA

Acto Primeiro

Câmara antiga, ornada com todo o luxo e caprichosa elegância portuguesa dos princípios do século dezassete. Porcelanas, xarões, sedas, flores, etc. No fundo, duas grandes janelas rasgadas, dando para um eirado que olha sobre o Tejo e donde se vê toda Lisboa; entre as janelas o retrato, em corpo inteiro, de um cavaleiro moço, vestido de preto, com a cruz branca de noviço de S. João de Jerusalém. Defronte e para a boca da cena um bufete pequeno, coberto de rico pano de veludo verde franjado de prata; sobre o bufete alguns livros, obras de tapeçaria meias feitas e um vaso da China de colo alto, com flores. Algumas cadeiras antigas, tamboretas rasos, contadores. Da direita do espectador, porta de comunicação para o interior da casa, outra da esquerda para o exterior. É no fim da tarde.

CENA I

MADALENA

só, sentada junto à banca, os pés sobre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sobre ele, como quem descaiu da leitura na meditação.

MADALENA

(repetindo maquinalmente e devagar o que acaba de ler)

Naquele ingano d'alma ledo e cego que a fortuna não deixa durar muito...⁽¹⁾

Com paz e alegria d'alma... um ingano, um ingano de poucos instantes que seja... deve de ser a felicidade suprema neste mundo. E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, pode-se morrer. Mas eu!... *(Pausa)*. Oh! que o não saiba ele ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... este medo, estes contínuos terrores, que ainda me não deixaram gozar um só momento de toda a imensa felicidade que me dava o seu amor. Oh! que amor, que felicidade... que desgraça a minha! *(Torna a descair em profunda meditação; silêncio breve)*.

⁽¹⁾ «*Os Lusíadas* eram decerto então no princípio do século dezassete um livro da moda e que devia andar sobre o bufete de todas as damas elegantes. Hoje está provado que só no primeiro ano da sua publicação se fizeram em Lisboa duas edições, que por sua grande similhaça confundiram muito tempo os críticos e bibliófilos. Até o ano de 1613, época da separação de Manuel de Sousa Coutinho e D. Madalena de Vilhena, as edições dos *Lusíadas* eram já nove, desde a primeira, de 1572, até à do referido ano de 1613, que é a dos célebres comentários de Manuel Correia, feita por Pedro Craesbeck. Das *Rimas* contam-se três edições do mesmo período; a quarta fez-se no seguinte ano de 1614. Dois autos tinham, saído na colecção do Prestes». (A. Garrett).

CENA II

*MADALENA, TELMO PAIS**TELMO**(chegando ao pé de Madalena, que o não sentiu entrar)*

— A minha senhora está a ler?...

*MADALENA**(despertando)*

— Ah! sois vós, Telmo... Não, já não leio: há pouca luz de dia já; confundia-me a vista. E é um bonito livro este! o teu valido, aquele nosso livro, Telmo.

*TELMO**(deitando-lhe os olhos)*

— Oh! oh!, livro para damas — e para cavaleiros... e para todos: um livro que serve para todos; como não há outro, tirante o respeito devido ao da palavra de Deus! Mas esse não tenho eu a consolação de ler, que não sei latim como meu senhor... quero dizer como o Sr. Manuel de Sousa Coutinho — que, lá isso!.. acabado escolar é ele. E assim foi seu pai antes dele, que muito bem o conheci: grande homem! Muitas letras, e de muito galante prática, e não somenos as outras partes de cavaleiro: uma gravidade!... Já não há daquela gente. Mas, minha senhora, isto de a palavra de Deus estar assim noutra língua, numa língua que a gente... que toda a gente não entende... confesso-vos que aquele mercador inglês da Rua Nova⁽²⁾, que aqui vem às vezes, tem-me dito suas cousas que me quadram... E Deus me perdoe, que eu creio que o homem é hereje, desta seita nova d'Alemanha ou d'Inglaterra⁽³⁾. Será?

⁽²⁾ «A Rua Nova era o Chiado de então, a Rue de La Paix, a Regent Street da Lisboa — capital daquela imensa monarquia que D. Sebastião ainda deixou. Cito a relação ou a viagem dos venezianos Tron e Lippomani: «Quanto as ruas em geral são más e incómodas para andar, assim a pé como em coche, tanto é fácil, deleitosa e bela a Rua Nova pelo seu comprimento e largueza, mas sobretudo por ser ornada de uma infinidade de lojas cheias de diversas mercadorias para uso de nobre e real povoação.» — Ms. da Bibl. Real da Ajuda. (A. Garrett)

⁽³⁾ «Até em Portugal, o país mais exclusivamente católico da Terra, não deixou de fazer a sua impressão a luta pela liberdade religiosa, que no século XVI tanto amotinou o Norte da Europa. Até aqui a Reforma teve, se não prosélitos determinados, pelo menos seus admiradores, que simpatizavam com certos princípios proclamados pelos cristãos dissidentes. Um dos caracteres mais ilustres da época, e que mais ilustravam então na Europa o nome português, Damião de Góis, foi suspeito e acusado — cuidou que não sem algum fundamento — de sua inteligência com os reformistas de Alemanha.» (A. Garrett)

MADALENA

— Olhai, Telmo; eu não vos quero dar conselhos: bem sabeis que desde o tempo que... que...

TELMO

— Que já lá vai, que era outro tempo.

MADALENA

— Pois sim... (*Suspira*) Eu era uma criança; pouco maior era que Maria.

TELMO

— Não, a senhora D. Maria já é mais alta.

MADALENA

— É verdade, tem crescido de mais, e de repente, nestes dous meses últimos...

TELMO

— Então! Tem treze anos feitos, é quase uma senhora, está uma senhora... (*aparte*). Uma senhora aquela... pobre menina!

MADALENA

(*com as lágrimas nos olhos*)

— És muito amigo dela, Telmo?

TELMO

— Se sou! Um anjo como aquele... uma viveza, um espírito!... e então que coração!

MADALENA

— Filha da minha alma! (*Pausa; mudando de tom*). Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-to: eu não sei como hei-de fazer para te dar conselhos. Conheci-te de tão criança, de quando casei a... a... a... primeira vez, costumei-me a olhar para ti com tal respeito — já

então eras o que hoje és, o escudeiro valido, o familiar quase parente, o amigo velho e provado de teus amos...⁽⁴⁾.

TELMO

(internecido)

— Não digais mais, senhora, não me lembreis de tudo o que eu era.

MADALENA

(quase ofendida)

— Porquê? Não és hoje o mesmo, ou mais ainda, se é possível? Quitaram-te alguma coisa da confiança, do respeito, do amor e carinho a que estava costumado o aio fiel de meu senhor D. João de Portugal, que Deus tenha em glória?

TELMO

(aparte)

— Terá...

MADALENA

— O amigo e camarada antigo de seu pai?

TELMO

— Não, minha senhora, não, por certo.

MADALENA

— Então?...

TELMO

— Nada. Continuai, dizei, minha senhora.

(4) «Destes antigos familiares das casas ilustres, ou que viviam à lei de nobreza, ainda na minha infância conheci alguns representantes. Nas províncias, e principalmente nas do Norte, até o começo deste século, o escudeiro não era um criado, era um companheiro muitas vezes nem inferior em nobreza, e só dependente pela fortuna. Foi o último vestígio do pouco que havia de patriarcal nos hábitos feudais. O escudeiro é uma figura característica no quadro dos costumes portugueses, enquanto os houve; e hoje mais interessante, depois que se apagou toda a fisionomia nacional com as modas e usos estranhos, nem sempre mais elegantes que os nossos». (A. Garrett)

MADALENA

Pois está bem. Digo que mal sei dar-vos conselhos, e não queria dar-vos ordens... Mas, meu amigo, tu tomaste — e com muito gosto meu e de seu pai — um ascendente no espírito de Maria... tal que não ouve, não crê, não sabe senão o que lhe dizes. Quase que és tu a sua dona, a sua aia de criação. Parece-me... eu sei... não fales com ela desse modo, nessas coisas.

TELMO

— O quê? No que me disse o inglês sobre a Sagrada Escritura, que eles lá têm em sua língua, e que?...

MADALENA

— Sim... nisso decerto... e em tantas outras coisas tão altas, tão fora de sua idade, e muitas de seu sexo também, que aquela criança está sempre a querer saber, a perguntar. É a minha única filha; não tenho... nunca tivemos outra... e, além de tudo o mais, bem vêes que não é uma criança... muito... muito forte.

TELMO

— É... delgadinha, é. Há-de inrijar. É tê-la por aqui, fora daqueles ares apestados de Lisboa; e deixai, que se há-de pôr outra.

MADALENA

— Filha do meu coração!

TELMO

— E do meu. Pois não se lembra, minha senhora, que ao princípio era uma criança que eu não podia... — é verdade, não a podia ver: já sabereis porquê mas vê-la, era ver... Deus me perdoe!... nem eu sei... E daí começou-me a crescer, a olhar para mim com aqueles olhos... a fazer-me tais meiguices, e a fazer-se-me um anjo tal de formosura e de bondade, que — vedes-me aqui agora, que lhe quero mais do que seu pai.

MADALENA

(sorrindo)

— Isso agora...

TELMO

— Do que vós.

MADALENA

(rindo)

— Ora, meu Telmo!

TELMO

— Mais, muito mais. E veremos: tenho cá uma coisa que me diz que, antes de muito, se há-de ver quem é que quer mais à nossa menina nesta casa.

MADALENA

(assustada)

— Está bom; não entremos com os teus agouros e profecias do costume: são sempre de aterrar... Deixemo-nos de futuros...

TELMO

— Deixemo-nos, que não são bons.

MADALENA

— E de passados também...

TELMO

— Também.

MADALENA

— E vamos ao que importa agora. Maria tem uma compreensão...

TELMO

— Compreende tudo!

MADALENA

— Mais do que convém.

TELMO

— Às vezes.

MADALENA

— É preciso moderá-la.

TELMO

— É o que eu faço.

MADALENA

— Não lhe dizer...

TELMO

— Não lhe digo nada que não possa, que não deva saber uma donzela honesta e digna de melhor... de melhor...

MADALENA

— Melhor quê?

TELMO

— De nascer em melhor estado. Quisestes ouvi-lo... está dito.

MADALENA

— Oh, Telmo! Deus te perdoe o mal que me fazes. (*Desata a chorar.*)

TELMO

(ajoelhando e beijando-lhe a mão)

— Senhora... senhora D. Madalena, minha ama, minha senhora... castigai-me... mandai-me já castigar, mandai-me cortar esta língua perra que não toma insino... Oh! senhora, senhora! é vossa filha, é a filha do senhor Manuel de Sousa Coutinho, fidalgo

de tanto primor e de tão bom linhagem como os que se têm por melhores neste reino, em toda a Espanha. A senhora D. Maria... a minha querida D. Maria é sangue de Vilhenas e de Sosas; não precisa mais nada, mais nada, minha senhora, para ser... para ser...

MADALENA

— Calai-vos, calai-vos, pelas dores de Jesus Cristo, homem.

TELMO

(soluçando)

— Minha rica senhora!...

MADALENA

(Inxuga os olhos e toma uma atitude grave e firme)

— Levantai-vos, Telmo, e ouvi-me. *(Telmo levanta-se)*. Ouvi-me com atenção. É a primeira vez e será a última vez que vos falo deste modo e em tal assunto. Vós fostes o aio e o amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o senhor D. João de Portugal; tínheis sido o companheiro de trabalhos e de glória de seu ilustre pai, aquele nobre conde de Vimioso, que eu de tamanhinha me acostumei a reverenciar como pai. Entrei depois nesta família de tanto respeito; achei-vos parte dela, e quási que vos tomei a mesma amizade que aos outros... Chegastes a alcançar um poder no meu espírito, quási maior... — decerto maior que nenhum deles. O que sabeis da vida e do mundo, o que tendes adquirido na conversação dos homens e dos livros — porém, mais que tudo, o que de vosso coração fui vendo e admirando cada vez mais — me fizeram ter-vos numa conta, deixar-vos tomar, intregar-vos eu mesma tal autoridade nesta casa e sobre minha pessoa... que outros poderão estranhar...

TELMO

— Emendai-o, senhora.

MADALENA

— Não, Telmo, não preciso nem quero emendá-lo. Mas agora deixai-me falar. Depois que fiquei só, depois daquela funesta jor-

nada de África que me deixou viúva, órfã e sem ninguém... sem ninguém, e numa idade... com dezassete anos! — em vós, Telmo, em vós só achei o carinho e protecção, o amparo que eu precisava. Ficastes-me em lugar de pai; e eu... salvo numa coisa! — tenho sido para vós, tenho-vos obedecido como filha.

TELMO

— Oh, minha senhora, minha senhora! mas essa coisa em que vos apartastes dos meus conselhos...

MADALENA

— Para essa houve poder maior que as minhas forças... D. João ficou naquela batalha com seu pai, com a flor da nossa gente. (*Sinal de impaciência em Telmo*) Sabeis como chorei a sua perda, como respeitei a sua memória, como durante sete anos, incrédula a tantas provas e testemunhos da sua morte, o fiz procurar por essas costas de Berberia, por todas as sejanas de Fez e Marrocos, por todos quantos aduares de Alarves aí houve... Cabedais e valimento, tudo se impregou; gastaram-se grossas quantias; os embaixadores de Portugal e Castela tiveram ordens apertadas de o buscar por toda a parte; aos padres da Redenção, a quanto religioso ou mercador podia penetrar naquelas terras, a todos se incomendava o seguir a pista do mais leve indício que pudesse desmentir, pôr em dúvida ao menos aquela notícia que logo viera com as primeiras novas da batalha d'Alcácer. Tudo inútil; e a ninguém mais ficou resto de dúvida...

TELMO

— Senão a mim.

MADALENA

— Dúvida de fiel servidor, esperança de leal amigo, meu bom Telmo, que diz com vosso coração, mas que tem atormentado o meu... E então sem nenhum fundamento, sem o mais leve indício... Pois disse-me em consciência, disse-mo de uma vez, claro e desenganado: a que se apega esta vossa credulidade de sete... e hoje mais catorze... vinte e um anos?

TELMO

(gravemente)

— Às palavras, às formais palavras daquela carta, escrita na própria madrugada do dia da batalha, e entregue a Frei Jorge, que vo-la trouxe. — «Vivo ou morto» — rezava ela — vivo ou morto... Não me esqueceu uma letra daquelas palavras; e eu sei que homem era meu amo para as escrever em vão: — «vivo ou morto, Madalena, hei-de ver-vos pelo menos ainda uma vez neste mundo». — Não era assim que dizia?

MADALENA

(aterrada)

— Era.

TELMO

— Vivo não veio... inda mal! E morto... a sua alma, a sua figura...

MADALENA

(possuída de grande terror)

— Jesus, homem!

TELMO

— Não vos apareceu de certo.

MADALENA

— Não; credo!

TELMO

(misterioso)

— Bem sei que não. Queria-vos muito; e a sua primeira visita, como de razão, seria para minha senhora. Mas não se ia sem aparecer também ao seu aio velho.⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ «Não é de invenção minha este argumento que convence tão fortemente o bom do aio velho, e que me lisonjeio de ser uma das coisas mais características e originais que o observador não vulgar encontrará talvez nesta composição. Tirei-o de um precioso tesouro donde tenho havido quasi tudo o que em meus escritos literários tem tido a fortuna de ser mais aplaudido. O tesouro são as reminiscências da minha infância, e o estudo que incessantemente tenho feito da linguagem, do sentir, do pensar e do crer do nosso povo, que é o mais poético e espirituoso povo da Europa.

MADALENA

— Valha-me Deus, Telmo! Conheço que desarrazoais; e contudo as vossas palavras metem-me medo... Não me façais mais desgraçada.

TELMO

— Desgraçada! Porquê? Não sois feliz na companhia do homem que amais, nos braços do homem a quem sempre quisestes mais sobre todos? Que o pobre de meu amo... respeito, devoção, lealdade, tudo lhe tivestes, como tão nobre e honrada senhora que sois... mas amor!

MADALENA

— Não está em nós dá-lo, nem quitá-lo, amigo.

TELMO

— Assim é. Mas os ciúmes que meu amo não teve nunca — bem sabeis que têmpera d'alma era aquela — tenho-os eu... aqui está a verdade nua e crua... tenho-os eu por ele. Não posso, não posso ver... e desejo, quero, forcejo por me acostumar... mas não posso. Manuel de Sousa... o Senhor Manuel de Sousa Coutinho é um guapo cavalheiro, honrado fidalgo, bom português... mas — mas não é, nunca há-de ser aquele espelho de cavalaria e gentileza, aquela flor dos bons... Ah, meu nobre, meu santo amo!

Quero contar como me lembrou de pôr aquelas palavras na boca de Telmo Pais. Eu passei os primeiros anos da minha vida entre duas quintas, a pequena quinta do Castelo, que era do meu pai, e a grande quinta do Sardão, que era, e ainda é, da família de meu avô materno José Bento Leitão; ambas são ao sul do Douro, ambas perto do Porto, mas tão isoladas e fora do contacto da cidade, que era perfeitamente do campo a vida que ali vivíamos, e que ficou sendo sempre para mim o tipo da vida feliz, da única vida natural neste mundo. Uma parda velha, a boa Rosa de Lima, de quem eu era o menino-bonito entre todos os rapazes, e por quem ainda choro de saudades apesar do muito que me ralhava às vezes, era a cronista-mor da família, e em particular da capela e da quinta do Sardão, que ela julgava uma das maravilhas da terra e venerava como um bom castelhano o seu Escorial. Contava-me ela, entre mil bruxarias e coisas do outro mundo que piamente acreditava, que também naquelas coisas «se mentia muito», que de meu avô, por exemplo, diziam que tinha aparecido embrulhado num lençol passeando à meia-noite em cima dos arcos que trazem a água para a quinta; o que era inteiramente falso, porque «ela estava certa que, se o Sr. José Bento pudesse vir a este mundo, não se ia embora sem aparecer à sua Rosa de Lima». E arrasavam-se-lhe os olhos de água ao dizer isto, luzia-lhe na boca um sorriso de confiança, que ainda agora me faz impressão quando me lembra.

A poesia verdadeira é esta, é a que sai destas suas fontes primeiras e genuínas; não são arrebiques de frases tiradas de gregos ou latinos, de franceses ou ingleses, segundo é moda; nem «rifaciamentos» exagerados — hoje, da sensaboria descarada da escola «passigráfica», que distinguiu a nacionalidade de todas as literaturas no fim do século passado e princípios deste, — amanhã de quanto há mais obsoleto e «irrevocável» no estilo inrevesado, nas ideias confusas, nos princípios indeterminados dos croniqueiros velhos. A literatura é filha da terra, como os Titans da fábula, e à sua terra se deve deitar para ganhar forças novas, quando se sente exausta». (A. Garrett)

MADALENA

— Pois sim, tereis razão... tendes razão, será tudo como dizeis. Mas reflecti, que haveis cabedal de inteligência para muito; eu resolvi-me por fim a casar com Manuel de Sousa; foi do aprazimento geral de nossas famílias, da própria família de meu primeiro marido, que bem sabeis quanto me estima; vivemos (*com affectação*) seguros, em paz e felizes... há catorze anos. Temos esta filha, esta querida Maria, que é todo o gosto e ânsia da nossa vida. Abençoou-nos Deus na formosura, no ingenho, nos dotes admiráveis daquele anjo... E tu, tu, meu Telmo, que és tão seu que chegas a pretender ter-lhe mais amor que nós mesmos...

TELMO

— Não, não tenho!

MADALENA

— Pois tens: melhor! E és tu o que andas continuamente e quase por acinte a sustentar essa quimera, a levantar esse fantasma, cuja sombra, a mais remota, bastaria para inodoar a pureza daquela inocente, para condenar a eterna desonra a mãe e a filha!... (*Telmo dá sinais de grande agitação*). Ora dize: já pensaste bem no mal que estás fazendo? Eu bem sei que a ninguém neste mundo, senão a mim, falas em tais cousas... falas assim como hoje temos falado... mas as tuas palavras misteriosas, as tuas alusões frequentes a esse desgraçado rei D. Sebastião, que o seu mais desgraçado povo ainda não quis acreditar que morresse, por quem ainda espera em sua leal incredulidade ⁽⁶⁾, — esses contínuos

(6) «A incredulidade popular sobre a morte de el-rei D. Sebastião começou logo com as primeiras notícias que chegaram ao reino da derrota de Alcácer-Quibir. Querem alguns que as esperanças do povo fossem adrede sustentadas pelos que mais haviam instigado aquela triste jornada, para evitarem a responsabilidade de seus fatais conselhos. O facto é que, no público, nunca se acreditou bem na morte de el-rei. E nenhum, de tantos que escaparam, nenhum disse nunca que o vira morrer. No epitáfio de Belém, pôs-se a ressalva: «si vera est fama». Os vários impostores que em diversas partes aparecem, tomando o nome de D. Sebastião, em vez de destruírem, confirmaram as suspeitas nacionais. O verdadeiro ou falso Sebastião, que foi entregue em Veneza e atormentado em Nápoles, deixou dúvidas profundas nos ânimos mais seguros. Menos bastava para dar cor e crença à multidão de fábulas romanescas e poéticas, de que se encheu logo Portugal e que duraram até os nossos dias. O sebastianismo é outro carácter popular que ainda não foi tratado e que, em hábeis mãos, deve dar riquíssimos quadros de costumes nacionais. O romancista e o poeta, o filólogo e o filósofo acharão muito que lavrar neste fertilíssimo veio da grande mina de nossas crenças e superstições antigas». (A. Garrett)

agouros, em que andas sempre, de uma desgraça que está iminente sobre a nossa família... não vês que estás excitando com tudo isso a curiosidade daquela criança, aguçando-lhe o espírito — já tão perspicaz! — a imaginar, a descobrir... quem sabe se a acreditar nessa prodigiosa desgraça, em que tu mesmo... tu mesmo... sim, não crês deveras? Não crês, mas achas não sei que doloroso prazer em ter sempre viva e suspensa essa dúvida fatal. E então considera, vê: se um terror semelhante chega a entrar naquela alma, quem lho há-de tirar nunca mais? O que há-de ser dela e de nós? Não a perdes, não a matas... não me matas a minha filha?

TELMO

(em grande agitação durante a fala precedente, fica pensativo e aterrado; fala depois como para si)

— É verdade que sim! A morte era certa. E não há-de morrer: não, não, não, três vezes não. *(Para Madalena)*. À fé de escudeiro honrado, senhora D. Madalena, a minha boca não se abre mais; e o meu espírito há-de... há-de fechar-se também... *(aparte)*. Não é possível, mas eu hei-de salvar o meu anjo do céu! *(Alto para Madalena)*. Está dito, minha senhora.

MADALENA

— Ora Deus to pague. Hoje é o último dia de nossa vida que se fala em tal.

TELMO

— O último.

MADALENA

— Ora pois, ide, ide ver o que ela faz *(levantando-se)*: que não esteja a ler ainda, a estudar sempre. *(Telmo vai a sair)*. E olhai: chegai-me depois ali a S. Paulo, ou mandai, se não podeis...

TELMO

— Ao convento dos domínicos? Pois não posso!... quatro passadas.

MADALENA

— E dissei a meu cunhado, a Frei Jorge Coutinho, que me está dando cuidado a demora de meu marido em Lisboa; que me prometeu de vir antes de véspera e não veio; que é quasi noite, e que já não estou contente com a tardança. (*Chega à varanda e olha para o rio*). O ar está sereno, o mar tão quieto, e a tarde tão linda... quasi que não há vento, é uma viração que afaga... Oh! e quantas faluas navegando tão garridas por esse Tejo! Talvez nalguma delas — naquela tão bonita — venha Manuel de Sousa. Mas neste tempo não há que fiar no Tejo: dum instante para o outro levanta-se uma nortada... e então aqui o pontal de Cacilhas! Que ele é tão bom mareante.. Ora, um cavaleiro de Malta! (*Olha para o retrato com amor*). Não é isso o que me dá maior cuidado; mas em Lisboa ainda há peste, ainda não estão limpos os ares... e essoutros ares que por aí correm destas alterações públicas, destas malquerenças entre castelhanos e portugueses! Aquele carácter inflexível de Manuel de Sousa traz-me num susto contínuo. Vai, vai a Frei Jorge, que diga se sabe alguma coisa, que me assossegue, se puder.

CENA III

MADALENA, TELMO, MARIA

MARIA

(*entrando com umas flores na mão, encontra-se com Telmo, e o faz tornar para a cena*)

— Bonito! Eu há mais de meia hora no eirado passeando — e sentada a olhar para o rio a ver as faluas e os bergantins que andam para baixo e para cima — e já aborrecida de esperar... e o senhor Telmo aqui posto a conversar com a minha mãe, sem se importar de mim. Que é do romance que me prometestes? Não é o da batalha, não é o que diz:

Postos estão, frente a frente,
os dous valorosos campos;⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ Este romance, que se cantava — diz Miguel Leitão — ao som de uma melodia simples e plangente, de que ele na sua *Miscelânea* nos conservou as notas, vem ali em castelhano.

Achei-o em português nos apontamentos do Cavalheiro de Oliveira, e também o publicou em português A. L. Caminha, na sua colecção de inéditos. No lugar competente do meu *Romanceiro* o dou em ambas as línguas, sem me atrever a decidir em qual delas fosse originalmente composto». (A. Garrett)

é o outro, é o da ilha incuberta onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que há-de vir, um dia de névoa muito cerrada...⁽⁸⁾
Que ele não morreu; não é assim, minha mãe?

MADALENA

— Minha querida filha, tu dizes coisas! Pois não tens ouvido a teu tio Frei Jorge e a teu tio Lopo de Sousa, contar tantas vezes como aquilo foi? O povo, coitado, imagina essas quimeras para se consolar na desgraça.

MARIA

— Voz do povo, voz de Deus, minha senhora mãe: eles que andam tão crentes nisto, alguma cousa há-de ser⁽⁹⁾. Mas ora o que me dá que pensar é ver que, tirado aqui o meu bom Telmo (*chega-se toda para ele, acarinhando-o*), ninguém nesta casa gosta de ouvir falar em que escapasse o nosso bravo rei, o nosso santo rei D. Sebastião. Meu pai, que é tão bom português, que não pode sofrer estes castelhanos, e que até, às vezes, dizem que é de mais o que ele faz e o que ele fala... em ouvindo duvidar da morte do meu querido rei D. Sebastião... ninguém tal há-de dizer, mas põe-se logo outro, muda de semblante, fica pensativo e carrancudo; parece que o vinha afrontar, se voltasse, o pobre do rei. Ó minha mãe, pois ele não é por D. Filipe; não é, não?

MADALENA

— Minha querida Maria, que tu hás-de estar sempre a imaginar nessas coisas que são tão pouco para a tua idade! Isso é o que nos aflige, a teu pai e a mim; queria-te ver mais alegre, folgar mais, e com coisas menos...

(8) «Era opinião firme e corrente entre os derradeiros sebastianistas e talvez ainda hoje o seja, porque me dizem que alguns há ainda, que el-rei D. Sebastião havia de vir num dia de névoa muito cerrada. Assim rezavam certas profecias populares. Outro tesouro da poesia nacional são estas profecias, que ainda ninguém examinou filologicamente como elas merecem. No meu *Romanceiro* procurei restituí-las ao lugar e categoria literária, que estou convencido lhes compete». (A. Garrett)

(9) «O engano popular, se o era, recaía com efeito em muito grandes e fundadas suspeitas. Nunca uma pura falsidade chega a obter crédito geral; é preciso que tenha algum fundamento. A imaginação do povo não é criadora; aumenta, exagera, mas não tira do nada.» (A. Garrett)

MARIA

— Então, minha mãe, então! Vêem, vêem?... também minha mãe não gosta. Oh! essa ainda é pior, que se aflige, chora... ela aí está a chorar... (*Vai-se abraçar com a mãe, que chora.*) Minha querida mãe, ora pois então! Vai-te embora, Telmo, vai-te; não quero mais falar, nem ouvir falar de tal batalha, nem de tais histórias, nem de coisa nenhuma dessas. Minha querida mãe!

TELMO

— E é assim; não se fala mais nisso, e eu vou-me embora. (*Aparte, indo-se depois de lhe tomar as mãos.*) Que febre que ela tem hoje, meu Deus! queimam-lhe as mãos... e aquelas rosetas nas faces... Se o perceberá a pobre da mãe!

CENA IV

MADALENA, MARIA

MARIA

— Quereis vós saber, mãe, uma tristeza muito grande que tenho? A mãe já não chora, não? já se não infada comigo?

MADALENA

— Não me infado contigo nunca, filha; e nunca me afliges, querida. O que tenho é o cuidado que me dás, é o receio de que...

MARIA

— Pois aí está a minha tristeza; é esse cuidado em que vos vejo andar sempre por minha causa. Eu não tenho nada, e tenho saúde, olhai que tenho muita saúde.

MADALENA

— Tens, filha... se Deus quiser, hás-de ter; e hás-de viver muitos anos para consolação e amparo de teus pais que tanto te querem.

MARIA

— Pois olhai: passo noites inteiras em claro a lidar nisto, e a lembrar-me de quantas palavras vos tenho ouvido, e a meu pai... e a recordar-me da mais pequena acção e gesto, e a pensar em tudo, a ver se descubro o que isto é, o porque, tendo-me tanto amor... que, oh! isso nunca houve decerto filha querida como eu!...

MADALENA

— Não, Maria.

MARIA

— Pois sim; tendo-me tanto amor, que nunca houve outro igual, estais sempre num sobressalto comigo?...

MADALENA

— Pois se te estremecemos!

MARIA

— Não é isso, não é isso; é que vos tenho lido nos olhos... Oh, que eu leio nos olhos, leio, leio!... e nas estrelas do céu também, e sei cousas...

MADALENA

— Que estás a dizer, filha, que estás a dizer? que desvarios! Uma menina do teu juízo, temente a Deus... não te quero ouvir falar assim. Ora vamos: anda cá, Maria, conta-me do teu jardim, das tuas flores. Que flores tens tu agora? O que são estas? (*Pegando nas que ela traz na mão.*)

MARIA

(*abrindo a mão e deixando-as cair no regaço da mãe*)

— Murchou tudo... tudo estragado da calma... Estas são papoulas que fazem dormir; colhi-as para as meter debaixo do meu cabeçal esta noite; quero-a dormir de um sono, não quero sonhar, que me faz ver cousas... lindas às vezes, mas tão extraordinárias e confusas...

MADALENA

— Sonhar, sonhas tu acordada, filha! Que, olha, Maria, imaginar é sonhar, e Deus pôs-nos neste mundo para velar e trabalhar, com o pensamento sempre nele, sim, mas sem nos estranharmos a estas cousas da vida que nos cercam, a estas necessidades que nos impõe o estado, a condição em que nascemos. Vês tu, Maria, tu és a nossa única filha, todas as esperanças de teu pai são em ti...

MARIA

— E não lhas posso realizar, bem sei. Mas que hei-de eu fazer? Eu estudo, leio...

MADALENA

— Lês de mais, cansas-te, não te distraís como as outras donzelas da tua idade, não és...

MARIA

— O que sou... só eu o sei, minha mãe... E não sei, não, não sei nada, senão que o que devia ser não sou... Oh! porque não havia de eu ter um irmão que fosse um galhardo e valente mancebo capaz de comandar os terços de meu pai, de pegar numa lança daquelas com que os nossos avós corriam a Índia, levando adiante de si turcos e gentios! um belo moço que fosse o retrato daquele gentil cavaleiro de Malta que ali está (*apontando para o retrato*). Como ele era bonito, meu pai! Como lhe ficava bem o preto... e aquela cruz tão alva em cima! Para que deixou ele o hábito, minha mãe, porque não ficou naquela santa religião, a vogar em suas nobres galeras por esses mares, e a afugentar os infiéis diante da bandeira da Cruz?

MADALENA

— Oh, filha, filha!... (*mortificada*) porque não foi vontade de Deus, tinha de ser doutro modo. Tomara eu agora que ele chegasse de Lisboa! Com efeito é muito tardar... Valha-me Deus!

CENA V

JORGE, MADALENA, MARIA

JORGE

— Ora seja Deus nesta casa! (*Maria beija-lhe o escapulário e depois a mão; Madalena somente o escapulário*)

MADALENA

— Sejais bem-vindo, meu irmão!

MARIA

— Boas tardes, tio Jorge!

JORGE

— Minha senhora mana! A bênção de Deus te cubra, filha! Também estou desassossegado como vos, mana Madalena; mas não vós aflijais, espero que não há-de ser nada. É certo que tive notícias de Lisboa...

MADALENA

(*assustada*)

— Pois que é, que foi?

JORGE

— Nada, não vos assusteis; mas é bom que estejais prevenida, por isso vo-lo digo. Os governadores querem sair da cidade... é um capricho verdadeiro... Depois de aturarem metidos ali dentro toda a força da peste, agora, que ela está, se pode dizer, acabada, que são raríssimos os casos, é que por força querem mudar de ares.

MADALENA

— Pois coitados!..

MARIA

— Coitado do povo! Que mais valem as vidas deles? Em pestes e desgraças assim, eu intendia, se governasse, que o serviço de

Deus e do rei me mandava ficar, até à última, onde a miséria fosse mais e o perigo maior, para atender com remédio e amparo aos necessitados. Pois, rei não quer dizer pai comum de todos?

JORGE

— A minha donzela Teodora! Assim é, filha, mas o mundo é doutro modo, que lhe faremos?

MARIA

— Emendá-lo.

JORGE

(para Madalena, baixo)

— Sabeis que mais? Tenho medo desta criança.

MADALENA

(do mesmo modo)

— Também eu.

JORGE

(alto)

— Mas, enfim, resolveram sair; e sabereis mais que, para corte e «buen-retiro» dos nossos cinco reis, os senhores governadores de Portugal por D. Filipe de Castela, que Deus guarde, foi escolhida esta nossa boa vila de Almada, que o deveu à fama de suas águas sadias, ares lavados e graciosa vista.

MADALENA

— Deixá-los vir.

JORGE

— Assim é: que remédio! Mas ouvi o resto. O nosso pobre convento de S. Paulo tem de hospedar o senhor arcebispo D. Miguel de Castro, presidente do governo. Bom prelado é ele; e, se não fosse que nos tira do humilde sossego de nossa vida, por vir como senhor e príncipe secular... o mais, paciência. Pior é o vosso caso...

MADALENA

— O meu?!

JORGE

— O vosso e de Manuel de Sousa: porque os outros quatro governadores, e aqui está o que me mandaram dizer em muito segredo de Lisboa, dizem que querem vir para esta casa e pôr aqui aposentadoria.

MARIA

(com vivacidade)

— Fechamos-lhes as portas. Metemos a nossa gente dentro: o terço de meu pai tem mais de seiscentos homens e defendemo-nos. Pois não é uma tirania?... E há-de ser bonito!... Tomara eu ver seja o que for que se pareça com uma batalha!

JORGE

— Louquinha!

MADALENA

— Mas que mal fizemos nós ao conde de Sabugal e aos outros governadores, para nos fazerem esse desacato? Não há por aí outras casas; e eles não sabem que nesta há senhoras, uma família... e que estou eu aqui?...

MARIA

(que esteve com o ouvido inclinado para a janela)

— É a voz de meu pai! Meu pai que chegou!

MADALENA

(sobressaltada)

— Não oiço nada.

JORGE

— Nem eu, Maria.

MARIA

— Pois oiço eu muito claro. É meu pai que aí vem... e vem afrontado!

CENA VI

JORGE, MADALENA, MARIA, MIRANDA

MIRANDA

— Meu senhor chegou: vi agora daquele alto entrar um bergantim, que é por força o nosso. Estáveis com cuidado; e era para isso, que já vai a cerrar-se a noite... Vim trazer-vos depressa a notícia.

MADALENA

— Obrigada, Miranda. É extraordinária esta criança; vê e ouve em tais distâncias... *(Maria tem saído para o eirado, mas volta logo depois.)*

JORGE

— É verdade. *(aparte)*. Terrível sinal naqueles anos e com aquela compleição!

CENA VII

JORGE, MADALENA, MARIA, MIRANDA, MANUEL DE SOUSA, entrando com vários criados que o seguem alguns com brandões acesos. É noite fechada.

MANUEL

(parando junto da porta, para os criados)

— Façam o que lhes disse. Já, sem mais detença! Não apaguem esses brandões; incostem-nos aí fora no patim. E tudo o mais que eu mandei. *(Vindo ao proscénio.)* Madalena! Minha querida filha, minha Maria! *(Abraça-as.)* Jorge, ainda bem que aqui estás, preciso de ti. Bem sei que é tarde e que são horas conventuais; mas eu irei depois contigo dizer a «mea culpa» e o «peccavi» ao nosso bom prior. Miranda, vinde cá. *(Vai com ele à porta da esquerda, depois às do eirado, e dá-lhe algumas ordens baixo.)*

MADALENA

— Que tens tu? Nunca entraste em casa assim. Tens cousa que te dá cuidado... e não mo dizes? O que é?

MANUEL

— É que... Senta-te, Madalena; aqui ao pé de mim, Maria. Jorge, sentemo-nos, que estou cansado. (*Sentam-se todos.*) Pois agora sabeis as novidades, que seriam estranhas, se não fosse o tempo em que vivemos. (*Pausa.*) É preciso sair já desta casa, Madalena.

MARIA

— Ah? inda bem, meu pai!

MANUEL

— Inda mal! mas não há outro remédio. Saíremos esta noite mesma. Já dei ordens a toda a família. Telmo foi avisar as tuas aias do que haviam de fazer, e lá andam pelas câmaras velando nesse cuidado. Sempre é bom que vás dar um relance de olhos ao que por lá se faz; eu também irei por minha parte. Mas temos tempo: isto são oito horas, à meia-noite vão quatro; daqui lá o pouco que me importa salvar estará salvo... e eles não virão antes da manhã.

MADALENA

— Então sempre é verdade que Luís de Moura e os outros governadores?...

MANUEL

— Luís de Moura é um vilão ruim: faz como quem é. O arcebispo é... o que os outros querem que ele seja. Mas o conde de Sabugal, o conde de Santa Cruz, que deviam olhar por quem são, e que tomaram este incargo odioso... e vil, de oprimir os seus naturais em nome dum rei estrangeiro!... Oh, que gente, que fidalgos portugueses! Hei-de-lhes dar uma lição, a eles e a este escravo deste povo que os sofre, como não levam tiranos há muito tempo nesta terra.

MARIA

— O meu nobre pai! Oh, o meu querido pai! Sim, sim, mostrai-lhes quem sois e o que vale um português dos verdadeiros.

MADALENA

— Meu adorado esposo, não te deites a perder, não te arrebrates. Que farás tu contra esses poderosos? Eles já te querem tão mal pelo mais que tu vales que eles, pelo teu saber, que esses grandes fingem que desprezam... mas não é assim, o que eles têm é inveja! O que fará, se lhes deres pretexto para se vingarem da afronta em que os traz a superioridade do teu mérito! Manuel, meu esposo, Manuel de Sousa, pelo nosso amor...

JORGE

— Tua mulher tem razão. Prudência, e lembra-te de tua filha.

MANUEL

— Lembro-me de tudo, deixa estar. Não te inquietes, Madalena: eles querem vir para aqui amanhã de manhã; e nós forçosamente havemos de sair antes de eles entrarem. Por isso é preciso já.

MADALENA

— Mas para onde iremos nós, de repente, a estas horas?

MANUEL

— Para a única parte para onde podemos ir: a casa não é minha... mas é tua, Madalena.

MADALENA

— Qual?... a que foi... a que pega com S. Paulo? Jesus me valha!

JORGE

— E fazem muito bem: a casa é larga e está em bom reparo, tem ainda quase tudo de trastes e paramentos necessários; pouco tereis que levar convosco. E então para mim, para os nossos padres todos, que alegria! Ficamos quase debaixo dos mesmos telhados. Sabeis que tendes ali tribuna para a capela da Senhora da Piedade, que é a mais devota e mais bela de toda a igreja... Ficamos como vivendo juntos.

MARIA

— Tomara-me eu já lá. (*Levanta-se pulando.*)

MANUEL

— E são horas, vamos a isto (*levantando-se*).

MADALENA

(*vindo para ele*)

— Ouve, escuta, que tenho que te dizer; por quem és, ouve: não haverá algum outro modo?

MANUEL

— Qual, senhora, e que lhe hei-de eu fazer? Lembrai vós, vede se achais.

MADALENA

— Aquela casa... eu não tenho ânimo... Olhai: eu preciso de falar a sós convosco. Frei Jorge, ide com Maria para dentro; tenho que dizer a vosso irmão.

MARIA

— Tio, venha, quero ver se me acomodam os meus livrinhos; (*confidencialmente*) e os meus papéis, que eu também tenho papéis. Deixai, que lá na outra casa vos hei-de mostrar... Mas segredo!

JORGE

— Tontinha!

CENA VIII

MANUEL DE SOUSA, MADALENA

MANUEL

(*passeia agitado de um lado para outro da cena, com as mãos cruzadas detrás das costas: e parando de repente*)

— Há-de saber-se no mundo que ainda há um português em Portugal.

MADALENA

— Que tens tu, dize, que tens tu?

MANUEL

— Tenho que não hei-de sofrer esta afronta... e que é preciso sair desta casa, senhora.

MADALENA

— Pois sairemos, sim; eu nunca me opus ao teu querer, nunca soube que coisa era ter outra vontade diferente da tua; estou pronta a obedecer-te sempre, cegamente, em tudo. Mas oh! esposo da minha alma... para aquela casa não, não me leves para aquela casa! *(Deitando-lhe os braços ao pescoço.)*

MANUEL

— Ora tu não eras costumada a ter caprichos! Não temos outra para onde ir; e a estas horas, neste aperto... Mudaremos depois, se quiseres... mas não lhe vejo remédio agora. E a casa que tem? Porque foi de teu primeiro marido? É por mim que tens essa repugnância? Eu estimei e respeitei sempre a D. João de Portugal; honro a sua memória, por ti, por ele e por mim; e não tenho na consciência por que receie abrigar-me debaixo dos mesmos tectos que o cobriram. Viveste ali com ele? Eu não tenho ciúmes de um passado que me não pertencia. E o presente, esse é meu, meu só, todo meu, querida Madalena... Não falemos mais nisso: é preciso partir, e já.

MADALENA

— Mas é que tu não sabes... Eu não sou melindrosa nem de invenções; em tudo o mais sou mulher, e muito mulher, querido; nisso não... Mas tu não sabes a violência, o constrangimento de alma, o terror com que eu penso em ter de entrar naquela casa. Parece-me que é voltar ao poder dele, que é tirar-me dos teus braços, que o vou encontrar ali... Oh, perdoa, perdoa-me, não me sai esta ideia da cabeça... que vou achar ali a sombra despeitosa de D. João, que me está ameaçando com uma espada de dous gumes... que a atravessa no meio de nós, entre mim e ti e a nossa

filha, que nos vai separar para sempre... Que queres? Bem sei que é loucura; mas a ideia de tornar a morar ali, de viver ali contigo e com Maria, não posso com ela. Sei decerto que vou ser infeliz, que vou morrer naquela casa funesta, que não estou ali três dias, três horas, sem que todas as calamidades do mundo venham sobre nós. Meu esposo, Manuel, marido da minha alma, pelo nosso amor to peço, pela nossa filha... vamos seja para onde for, para a cabana de algum pobre pescador desses contornos, mas para ali não, oh, não!...

MANUEL

— Em verdade nunca te vi assim; nunca pensei que tivesses a fraqueza de acreditar em agouros. Não há senão um temor justo, Madalena: é o temor de Deus; não há espectros que nos possam aparecer senão os das más acções que fazemos. Que tens tu na consciência que tos faça temer? O teu coração e as tuas mãos estão puras; para os que andam diante de Deus, a terra não tem sustos, nem o inferno pavores que se lhes atrevam. Rezaremos por alma de D. João de Portugal nessa devota capela que é parte da sua casa; e não hajas medo que nos venha perseguir neste mundo aquela santa alma que está no céu, e que em tão santa batalha, pelejando por seu Deus e por seu rei, acabou mártir às mãos dos infiéis. Vamos, D. Madalena de Vilhena, lembrai-vos de quem sois e de quem vindes, senhora... e não me tires, querida mulher, com vãs quimeras de crianças, a tranquilidade do espírito e a força do coração, que as preciso inteiras nesta hora.

MADALENA

— Pois que vais tu fazer?

MANUEL

— Vou, já te disse, vou dar uma lição aos nossos tiranos que lhes há-de lembrar, vou dar um exemplo a este povo que os há-de alumiar...

CENA IX

MANUEL DE SOUSA, MADALENA, TELMO, MIRANDA
e outros criados entrando apressadamente

TELMO

— Senhor, desimbarcaram agora grande comitiva de fidalgos, escudeiros e soldados, que vêm de Lisboa e sobem a incosta para a vila. O arcebispo não é decerto, que já está há muito no convento; diz-se por aí...

MANUEL

— Que são os governadores? *(Telmo faz um sinal afirmativo.)* Quiseram-me enganar, e apressam-se a vir hoje... parece que adivinharam... Mas não me colheram despercebido. *(Chama à porta da esquerda.)* Jorge, Maria! *(Volta para a cena.)* Madalena, já, já, sem mais demora.

CENA X

MANUEL DE SOUSA, MADALENA, TELMO, MIRANDA e outros criados;
JORGE E MARIA, entrando

MANUEL

— Jorge, acompanha estas damas. Telmo, ide, ide com elas. *(Para os outros criados.)* Partiu já tudo, as arcas, os meus cavalos, armas e tudo o mais?

MIRANDA

— Quási tudo foi já; o pouco que falta está pronto e sairá num instante... pela porta de trás, se quereis.

MANUEL

— Bom; que saia. *(A um sinal de Miranda saem dois criados.)* Madalena, Maria: não vos quero ver aqui mais. Já, ide; serei convosco em pouco tempo.

CENA XI

MANUEL DE SOUSA, MIRANDA e os outros criados

MANUEL

— Meu pai morreu desastrosamente caindo sobre a sua própria espada.⁽¹⁰⁾ Quem sabe se eu morrerei nas chamas ateadas por minhas mãos? Seja. Mas fique-se aprendendo em Portugal como um homem de honra e coração, por mais poderosa que seja a tirania, sempre lhe pode resistir, em perdendo o amor a coisas tão vis e precárias como são esses haveres que duas faíscas destroem num momento... como é esta vida miserável que um sopro pode apagar em menos tempo ainda! (*Arrebata duas tochas das mãos dos criados, corre à porta da esquerda, atira com uma para dentro; e vê-se atear logo uma labareda imensa. Vai ao fundo, atira a outra tocha, e sucede o mesmo. Ouve-se alarido de fora.*)

CENA XII

*MANUEL DE SOUSA e criados;
MADALENA, MARIA, JORGE e TELMO, acudindo*

MADALENA

— Que fazes? que fizeste? Que é isto, oh meu Deus!

MANUEL

(tranquilamente)

— Ilumino a minha casa para receber os muito poderosos e excelentes senhores governadores destes reinos. Suas Excelências podem vir, quando quiserem.

MADALENA

— Meu Deus, meu Deus!... Ai, e o retrato de meu marido!... Salvem-me aquele retrato! (*Miranda e outro criado vão para tirar o painel: uma coluna de fogo salta nas tapeçarias e os afugenta.*)

⁽¹⁰⁾ «Sucedeu isto na vila de Povos, em Janeiro de 1577.» (A. Garrett)

MANUEL

— Parti! parti! As matérias inflamáveis que eu tinha disposto vão-se ateando com espantosa velocidade. Fugi!

MADALENA

(cingindo-se ao braço do marido)

— Sim, sim, fujamos.

MARIA

(tomando-o do outro braço)

— Meu pai, nós não fugimos sem vós.

TODOS

— Fugamos! Fugamos!

(Redobram os gritos de fora, ouve-se rebate de sinos: cai o pano.)

Acto Segundo

É no palácio que fora de D. João de Portugal, em Almada; salão antigo, de gosto melancólico e pesado, com grandes retratos de família, muitos de corpo inteiro, bispos, donas, cavaleiros, monges; estão em lugar mais conspícuo, no fundo, o del-rei D. Sebastião, o de Camões e o de D. João de Portugal. Portas do lado direito para o exterior, do esquerdo para o interior, cobertas de reposteiros com as armas dos condes de Vimioso. São as antigas da casa de Bragança, uma aspa vermelha sobre campo de prata com cinco escudos do reino, um no meio e os quatro nos quatro extremos da aspa; em cada braço e entre os dois escudos uma cruz floreteada, tudo do modo que trazem actualmente os duques de Cadaval; sobre o escudo, coroa de conde. No fundo um reposteiro muito maior e com as mesmas armas sobre as portadas da tribuna, que deita sobre a capela da Senhora da Piedade, na Igreja de S. Paulo dos dominicos de Almada.

CENA I

*MARIA e TELMO**MARIA*

*(saindo pela porta da esquerda e trazendo pela mão a Telmo,
que parece vir de pouca vontade)*

— Vinde, não façais bulha, que minha mãe ainda dorme. Aqui, aqui nesta casa é que quero conversar. E não teimes, Telmo, que fiz tenção, e acabou-se!

TELMO

— Menina....

MARIA

— «Menina e moça me levaram de casa de meu pai» — é o princípio daquele livro tão bonito que minha mãe diz que não intende; intendo-o eu. Mas aqui não há menina nem moça; e vós, senhor Telmo Pais, meu fiel escudeiro, «faredes⁽¹¹⁾ o que mandado vos é». E não me repliques, que então altercamos, faz-se bulha, e acorda minha mãe, que é o que eu não quero. Coitada! Há oito dias que aqui estamos nesta casa, e é a primeira noite que dorme com sossego. Aquele palácio a arder, aquele povo a gritar, o rebate dos sinos, aquela cena toda... oh! tão grandiosa e sublime, que a mim me encheu de maravilha, que foi um espectáculo como nunca vi outro de igual majestade!... A minha pobre mãe aterrou-a, não se lhe tira dos olhos; vai a fechá-los para dormir e diz que vê aquelas chamas inoveladas em fumo a rodear-lhe a casa, a crescer para o ar e a devorar tudo com fúria infernal... o retrato de meu pai, aquele do quarto de lavor, tão seu favorito, em que ele estava tão gentil homem, vestido de cavaleiro de Malta com a sua cruz branca no peito, aquele retrato não se pode consolar de que lho não salvassem, que se queimasse ali. Vês tu? Ela, que não cria em agouros, que sempre me estava a repreender pelas minhas cismas, agora não lhe sai da cabeça que a perda do retrato é prognóstico fatal de outra perda maior, que está perto, de alguma

(11) « É o antiquado de *fareis*, que Maria aqui imprega com graciosa affectação, para falar em estilo de donzela romanesca, dando ordens ao seu escudeiro. Ponho isto aqui, porque sei que me notaram o arcaísmo como impróprio do tempo; era-o com efeito no século XVII em que aí estamos, se não fora trazido assim.» (A. Garrett)

desgraça inesperada, mas certa, que a tem de separar de meu pai. E eu agora é que faço de forte e assisada, que zombo de agouros e de sinas... para a animar, coitada!... que aqui entre nós, Telmo, nunca tive tanta fé neles. Creio, oh, se creio! que são avisos que Deus nos manda para nos preparar. E há... oh! há grande desgraça a cair sobre meu pai... decerto! e sobre minha mãe também, que é o mesmo.

TELMO

(disfarçando o terror de que está tomado)

— Não digais isso... Deus há-de fazê-lo por melhor, que lho merecem ambos *(cobrando ânimo e exaltando-se)*. Vosso pai, D. Maria, é um português às direitas. Eu sempre o tive em boa conta; mas agora, depois que lhe vi fazer aquela acção, que o vi, com aquela alma de português velho, deitar as mãos às tochas e lançar ele mesmo o fogo à sua própria casa; queimar e destruir numa hora tanto de seu haver, tanta coisa de seu gosto, para dar um exemplo de liberdade, uma lição tremenda a estes nossos tiranos... Oh, minha querida filha, aquilo é um homem! A minha vida, que ele queira, é sua. E a minha pena, toda a minha pena é que o não conheci, que o não estimei sempre no que ele valia.

MARIA

(com as lágrimas nos olhos, e tomando-lhe as mãos)

— Meu Telmo, meu bom Telmo, é uma glória ser filha de tal pai, não é? Dize!

TELMO

— Sim, é; Deus o defenda!

MARIA

— Deus o defenda! Ámen. E eles, os tiranos governadores, ainda estarão muito contra meu pai? Já soubeste hoje alguma coisa das diligências do tio Frei Jorge?

TELMO

— Já, sim. Vão-se desvanecendo, ainda bem! os agouros de vossa mãe... não-de sair falsos de todo. O arcebispo, o conde de

Sabugal, e os outros, já vosso tio os trouxe à razão, já os moderou. Miguel de Moura é que ainda está renitente; mas há-de passar. Por estes dias fica tudo sossegado. Já o estava, se ele quisesse dizer que o fogo tinha pegado por acaso. Mas ainda bem que o não quis fazer: era desculpar com a vilania de ãa mentira o generoso crime por que o perseguem.

MARIA

— Meu nobre pai! Mas quando há-de ele sair daquele homizio? Passar os dias retirado nessa quinta tão triste d'além do Alfeite, e não poder vir aqui senão de noite, por instantes, e Deus sabe com que perigo!

TELMO

— Perigo nenhum; todos o sabem e fecham os olhos. Agora é só conservar as aparências aí mais uns dias, e depois fica tudo como dantes.

MARIA

— Ficaré, pode ser; Deus queira que seja! Mas tenho cá uma coisa que me diz que aquela tristeza de minha mãe, aquele susto, aquele terror em que está, e que ela disfarça com tanto trabalho na presença de meu pai (também a mim mo queria incobrir, mas agora já não pode, coitada!), aquilo é pressentimento de desgraça grande... Oh, mas é verdade... vinde cá. (*Leva-o diante de três retratos que estão no fundo; e apontando para o de D. João*). De quem é este retrato aqui, Telmo?

TELMO

(olha, e vira a cara de repente)

— Esse é... há-de ser... é um da família destes senhores da casa de Vimioso, que aqui estão tantos.

MARIA

(ameaçando-o com o dedo)

— Tu não dizes a verdade, Telmo.

TELMO

(quase ofendido)

— Eu nunca menti, senhora D. Maria de Noronha.

MARIA

— Mas não diz a verdade toda o senhor Telmo Pais, que é quási o mesmo.

TELMO

— O mesmo!... Disse-vos o que sei, e o que é verdade; é um cavaleiro da família de meu outro amo, que Deus... que Deus tenha em bom lugar.

MARIA

— E não tem nome o cavaleiro?

TELMO

(Imbaraçado)

— Há-de ter; mas eu é que...

MARIA

(como quem lhe vai tapar a boca)

— Agora é que tu ias mentir de todo... Cala-te. Não sei para que são estes mistérios: cuidam que eu hei-de ser sempre criança! Na noite que viemos para esta casa, no meio de toda aquela desordem, eu e minha mãe entrámos por aqui dentro sós, e viemos ter a esta sala. Estava ali um brandão aceso, incostado a uma dessas cadeiras que tinham posto no meio da casa; dava todo o clarão da luz naquele retrato... Minha mãe, que me trazia pela mão, põe de repente os olhos nele e dá um grito. Oh, meu Deus!... ficou tão perdida de susto, ou não sei de quê, que me ia caindo em cima. Pergunto-lhe o que é, não me respondeu. Arrebata da tocha, e leva-me com uma força... com uma pressa a correr por essas casas, que parecia que vinha alguma coisa má atrás de nós. Ficou naquele estado em que a temos visto há oito dias, e não lhe quis falar mais em tal. Mas este retrato que ela não nomeia nunca de quem é, e só diz assim às vezes: «O outro, o outro...», este retrato e

o de meu pai que se queimou, são duas imagens que lhe não saem do pensamento.

TELMO

(com ansiedade)

— E esta noite ainda lidou muito nisso?

MARIA

— Não; desde ontem pela tarde, que cá estive o tio Frei Jorge e a animou com muitas palavras de consolação e de esperança em Deus, e que lhe disse do que contava abrandar os governadores, minha mãe ficou outra; passou-lhe de todo, ao menos até agora. Mas então, vamos, tu não me dizes do retrato? Olha: *(designando o de el-rei D. Sebastião)* aquele do meio, bem sabes se o conhecerei; é o do meu querido e amado rei D. Sebastião. Que majestade! que testa aquela tão austera, mesmo dum rei moço e sincero ainda, leal, verdadeiro, que tomou a sério o cargo de reinar, e jurou que há-de engrandecer, e cobrir de glória o seu reino! Ele ali está... E pensar que havia de morrer às mãos de mouros, no meio de um deserto, que numa hora se havia de apagar toda a ousadia reflectida que está naqueles olhos rasgados, no apertar daquela boca!...⁽¹²⁾ Não pode ser, não pode ser. Deus não podia consentir em tal.

TELMO

— Que Deus te ouvisse, anjo do céu!

MARIA

— Pois não há profecias que o dizem? Há, e eu creio nelas. E também creio naqueloutro que ali está *(indica o retrato de Camões)*, aquele teu amigo com quem tu andaste lá pela Índia, nessa terra de prodígios e bizarrias, por onde ele ia... como é? ah, sim...

Nũa mão sempre a espada e noutra a pena.

⁽¹²⁾ «De todos os retratos de D. Sebastião que sei existirem, creio que o mais autêntico é o que está, ou estava, pelo menos até 1828, em Angra, na Ilha Terceira, no palácio do Governo, que antigamente fora Colégio dos Jesuítas. É tradição ter sido para ali mandado por el-rei mesmo em sua vida. Muitas vezes contemplei longamente aquele retrato na minha mocidade, e por ele é feita a descrição que pus na boca de Maria.» (A. Garrett)

TELMO

— Oh! o meu Luís, coitado! bem lho pagaram. Era um rapaz, mais moço do que eu, muito mais... e quando o vi a última vez... foi no alpendre de S. Domingos em Lisboa⁽¹³⁾. Parece-me que o estou a ver, tão mal trajado, tão incolhido... ele, que era tão desimbaraçado e galã... e então, velho! velho alquebrado, com aquele olho que valia por dois, mas tão sumido e incovado já, que eu disse comigo: «Ruim terra te comerá cedo, corpo da maior alma que deitou Portugal!». E dei-lhe um abraço... foi o último... Ele pareceu ouvir o que me estava dizendo o pensamento cá por dentro, e disse-me: «Adeus, Telmo! S. Telmo seja comigo neste cabo da navegação... que já vejo terra, amigo» — e apontou para uma cova que ali se estava a abrir. Os frades rezavam o ofício dos mortos na igreja... Ele entrou para lá, e eu fui-me embora. Daí a um mês, vieram-me aqui dizer: «Lá foi Luís de Camões num lençol para Sant'Ana.» E ninguém mais falou nele.

MARIA

— Ninguém mais!... Pois não lêem aquele livro, que é para dar memória aos mais esquecidos?

TELMO

— O livro sim; aceitaram-no como o tributo de um escravo. Estes ricos, estes grandes, que oprimem e desprezam tudo o que não são as suas vaidades, tomaram o livro como uma cousa que lhes fizesse um servo seu e para honra deles. O servo, acabada a obra, deixaram-no morrer ao desamparo, sem lhes importar com isso... Quem sabe se folgaram? Podia pedir-lhes uma esmola, escusavam de se incomodar a dizer que não.

MARIA

(com entusiasmo)

— Está no céu. Que o céu fez-se para os bons e para os infelizes, para os que já cá da terra o adivinharam! Este lia nos mistérios de

(13) «É sabido que o nosso ilustre poeta passou os últimos tempos da sua vida na conversação e intimidade dos bons padres de S. Domingos de Lisboa, e que reviu e alterou em muitas coisas o seu poema, pelo conselho e aviso de alguns varões doutos, que abundavam naquela Ordem, e de quem era tão estimado quanto foi mal visto e perseguido dos Jesuítas.» (A. Garrett)

Deus; as suas palavras são de profeta. Não te lembras o que lá diz do nosso rei D. Sebastião?... Como havia de ele então morrer? Não morreu (*mudando de tom*). Mas o outro, o outro... quem é este outro, Telmo? Aquele aspecto tão triste, aquela expressão de melancolia tão profunda... aquelas barbas tão negras e cerradas... e aquela mão que descansa na espada, como quem não tem outro arrimo, nem outro amor nesta vida...

TELMO

(deixando-se surpreender)

— Pois tinha, oh! se tinha...! (*Maria olha para Telmo, como quem compreendeu, depois torna a fixar a vista no retrato: e ambos ficam diante dele como fascinados. No entanto, e às últimas palavras de Maria, um homem imbuçado com o chapéu sobre os olhos levanta o reposteiro da direita e vem, pé ante pé, aproximando-se dos dois, que o não sentem*).

CENA II

MARIA, TELMO e MANUEL DE SOUSA

MANUEL

— Aquele era D. João de Portugal, um honrado fidalgo e um valente cavaleiro.

MARIA

(respondendo sem observar quem lhe fala)

— Bem mo dizia o coração!

MANUEL

(desimbuçando-se e tirando o chapéu, com muito afecto)

— Que te dizia o coração, minha filha?

MARIA

(reconhecendo-o)

— Oh, meu pai, meu querido pai! Já me não diz mais nada o coração senão isto. (*Lança-se-lhe nos braços e beija-o na face muitas vezes*).

Ainda bem que viestes; mas de dia!... Não tendes receio, não há perigo já?

MANUEL

— Perigo, pouco. Ontem à noite não pude vir; e hoje não tive paciência para aguardar todo o dia. Vim bem coberto com esta capa...

TELMO

— Não há perigo nenhum, meu senhor; podeis estar à vontade e sem receio. Esta madrugada muito cedo estive no convento, e sei pelo senhor Frei Jorge que está, se pode dizer, tudo concluído.

MANUEL

— Pois ainda bem, Maria. E tua mãe, tua mãe, filha?

MARIA

— Desde ontem está outra...

MANUEL

(em acção de partir)

— Vamos a vê-la.

MARIA

(retendo-o)

— Não, que dorme ainda.

MANUEL

— Dorme? Oh, então melhor. Sentemo-nos aqui, filha, e conversemos. *(Toma-lhe as mãos; sentam-se.)* Tens as mãos tão quentes! *(Beija-a na testa.)* E esta testa, esta testa!... Escalda! Se isto está sempre a ferver! Valha-te Deus, Maria! Eu não quero que tu penses.

MARIA

— Então que hei-de eu fazer?

MANUEL

— Folgar, rir, brincar, tanger na harpa, correr nos campos, apañar das flores... E Telmo que te não conte mais histórias, que te não ensine mais trovas e solaus. Poetas e trovadores padecem todos da cabeça... e é um mal que se pega.

MARIA

— E então para que fazeis vós como eles?... Eu bem sei que fazeis.

MANUEL

(sorrindo)

— Se tu sabes tudo, Maria, minha Maria! *(amimando-a.)* Mas não sabias ainda agora de quem era aquele retrato...

MARIA

— Sabia.

MANUEL

— Ah, você sabia e estava fingindo?

MARIA

(gravemente)

— Fingir, não, meu pai. A verdade... é que eu sabia de um saber cá de dentro; ninguém mo tinha dito; e eu queria ficar certa.

MANUEL

— Então adivinhas, feiticeira. *(Beija-a na testa.)* Telmo, ide ver se chamais meu irmão; dizei-lhe que estou aqui.

CENA III

MANUEL DE SOUSA e MARIA

MANUEL

— Ora ouve cá, filha. Tu tens uma grande propensão para achar maravilhas e mistérios nas coisas mais naturais e singelas.

E Deus intregou tudo à nossa razão, menos os segredos de sua natureza inefável, os de seu amor e de sua justiça e misericórdia para connosco. Esses são os pontos sublimes e incompreensíveis da nossa fé! Esses crêem-se; tudo o mais examina-se. Mas vamos: (*sor-rindo*) não dirão que sou da Ordem dos Pregadores? Há-de ser destas paredes, é unção da casa: que isto é quási um convento aqui, Maria... Para frades de S. Domingos não nos falta senão o hábito...

MARIA

— Que não faz o monge...

MANUEL

— Assim é, querida filha! Sem hábito, sem escapulário nem cor-reia, por baixo do cetim e do veludo, o cilício pode andar tão apertado sobre as carnes, o coração tão contrito no peito... a morte — e a vida que vem depois dela — tão diante dos olhos sempre, como na cela mais estreita e com o burel mais grosseiro cingido. Mas, enfim, chega-te aos bons... sempre é meio caminho andado. Eu estou contentíssimo de virmos para esta casa — quási que nem já me pesa da outra. Tenho aqui meu irmão Jorge e todos estes bons padres de S. Domingos como de portas a dentro. Ainda não viste daqui a igreja? (*Levanta o reposteiro ao fundo, e chegam ambos à tribuna*). É uma devota capela esta. E todo o templo tão grave! Dá consolação vê-lo. Deus nos deixe gozar em paz de tão boa vizinhança. (*Tornam para o meio da casa.*)

MARIA

(*que parou diante do retrato de D. João de Portugal, volta-se de repente para o pai*)

— Meu pai, este retrato é parecido?

MANUEL

— Muito; é raro ver tão perfeita similhaça: o ar, os, ademanes, tudo. O pintor copiou fielmente quanto viu. Mas não podia ver nem lhe cabiam na tela, as nobres qualidades d'alma, a grandeza e valentia de coração, e a fortaleza daquela vontade, serena, mas indomável, que nunca foi vista mudar. Tua mãe ainda hoje estremece só de o ouvir nomear; era um respeito... era quási um temor santo que lhe tinha.

MARIA

— E lá ficou naquela fatal batalha!...

MANUEL

— Ficou. Tens muita pena, Maria?

MARIA

— Tenho.

MANUEL

— Mas se ele vivesse... não existias tu agora, não te tinha eu aqui nos meus braços.

MARIA

(escondendo a cabeça no seio do pai)

— Ai, meu pai!

CENA IV

MARIA, MANUEL DE SOUSA, JORGE

JORGE

— Ora alvíssaras, minha dona sobrinha. Venha-me já abraçar, senhora D. Maria (*Maria beija-lhe o escapulário; e depois abraçam-se*). Inda bem que vieste, meu irmão! Está tudo feito: os governadores deixam cair o caso em esquecimento: Miguel de Moura já cedeu. O arcebispo foi ontem a Lisboa e volta esta tarde. Vamos eu e mais quatro religiosos nossos buscá-lo para o acompanhar, e tu hás-de vir connosco para lhe agradecer; que não teve parte no agravo que te fizeram, e foi quem acabou com os outros que se não ressentissem da ofensa ou do que lhes prouve tomar como tal... Deixemos isso. Volta para o convento e quási que vem ser teu hóspede! É preciso fazer-lhe cumprimento, que no-lo merece.

MANUEL

— Se ele vem só sem os outros...

JORGE

— Só, só; os outros estão por essas quintas d'aquém do Tejo. E nós não chegamos aqui senão lá por noite.

MANUEL

— Se intendes que posso ir...

JORGE

— Podes e deves.

MANUEL

— Vou, decerto. E até eu preciso de ir a Lisboa: tenho negócio de importância no Sacramento, no vosso convento novo de freiras abaixo de S. Vicente; necessito falar com a abadessa.

MARIA

— Oh, meu pai, meu querido pai, levai-me, por quem sois, convosco. Eu queria ver a tia Joana de Castro; é o maior gosto que posso ter nesta vida. Quero ver aquele rosto... De mim não se há-de tapar...

MANUEL

— E tua mãe?

MARIA

— Minha mãe dá licença, dá. Ela já está boa... oh, e em vos vendo fica boa de todo, e eu vou.

MANUEL

— E os ares maus em Lisboa?

JORGE

— Isso já acabou de todo; nem sinal de peste. Mas, enfim, a prudência...

MARIA

— A mim não se me pega nada. Meu querido pai, vamos, vamos.

MANUEL

— Veremos o que diz tua mãe, e como ela está.

CENA V

MARIA, MANUEL DE SOUSA, JORGE; MADALENA, entrando

MADALENA

(correndo a abraçar Manuel de Sousa)

— Estou boa já, não tenho nada, esposo da minha alma. Todo o meu mal era susto; era terror de te perder.

MANUEL

— Querida Madalena!

MADALENA

— Agora estou boa; Telmo já me disse tudo e curou-me com a boa nova. Maria, Deus lembrou-se de nós; ouviu as tuas orações, filha, que as minhas... *(Vai recair na sua tristeza.)*

JORGE

— Ora pois, mana, ora pois... Louvado seja Ele por tudo. E haja alegria! Que era sermos desagradecidos para com o Senhor, que nos valeu, mostrar-se hoje alguém triste nesta casa.

MADALENA

(fazendo por se alegrar)

— Triste porquê? As tristezas acabaram. *(Para Manuel de Sousa.)* Tu ficas aqui já de vez, não me deixas mais, não sais de ao pé de mim? Agora, olha, estes primeiros dias, ao menos, hás-de me aturar, hás-de me fazer companhia. Preciso muito, querido.

MANUEL

— Pois sim, Madalena, sim; farei quanto quiseres.

MADALENA

— É que eu estou boa... boa de todo, mas tenho uma...

MANUEL

— Uma imaginação que te atormenta. Havemos de castigá-la, ainda que não seja senão para dar exemplo a certa donzela que nos está ouvindo e que precisa... precisa muito. Pois olha: hoje é sexta-feira...

MADALENA

— Sexta-feira! (*aterrada*) Ai que é sexta-feira!

MANUEL

— Para mim tem sido sempre o dia mais bem estreado de toda a semana.

MADALENA

— Sim!

MANUEL

— É o dia da paixão de Cristo, Madalena.

MADALENA

(*caindo em si*)

— Tens razão.

MANUEL

— É hoje sexta-feira; e daqui a oito... vamos — daqui a quinze dias bem contados, não saio de casa. Estás contente?

MADALENA

— Meu esposo, meu marido, meu querido Manuel!

MANUEL

— E tu, Maria?

MARIA

(*amuada*)

— Eu não.

MANUEL

(para Madalena)

— Queres tu saber porque é aquele amuo? É que eu precisava de ir hoje a Lisboa...

MADALENA

— A Lisboa... hoje!

MANUEL

— Sim; e não posso deixar de ir. Sabes que por fim desta minha pendência com os governadores, eu fiquei em dívida — quem sabe se da vida? Miguel de Moura e esses meus degenerados parentes eram capazes de tudo! — mas o certo é que fiquei em muita dívida ao arcebispo. Ele volta hoje aqui para o convento; e meu irmão, que vai com outros religiosos para o acompanharem, intende que eu também devo ir. Bem vês que não há remédio.

MADALENA

— Logo hoje!... Este dia de hoje é o pior... se fosse amanhã, se fosse passado hoje!... E quando estarás de volta?

JORGE

— Estamos aqui sem falta à boca da noite.

MADALENA

(fazendo por se resignar)

— Paciência; ao menos valha-nos isso. Não me deixam aqui só outra noite... Esta, esta noite, particularmente, não fico só...

MANUEL

— Não, sossega, não; estou aqui ao anoitecer. E nunca mais saio de ao pé de ti. E não serão quinze dias; vinte, os que tu quiseres.

MARIA

— Então vou, meu pai, vou? Minha mãe dá licença, dá?

MADALENA

— Vais aonde, filha? Que dizes tu?

MARIA

— Com meu pai, que tem de ir ao Sacramento, de caminho. E bem sabeis, querida mãe, o que eu ando há tanto tempo para ir àquele convento para conhecer a tia D. Joana.

JORGE

— Sóror Joana: assim é que se chama agora.

MARIA

— É verdade. E andam-me a prometer, há um ano, que me hão-de levar lá... Desta vez hão-de mo cumprir... não é assim, minha mãe (*acarinhando-a*), minha querida mãezinha? Sim, sim, dissei já que sim.

MADALENA

(*abraçada com a filha*)

— Oh, Maria, Maria... também tu me queres deixar! Também tu me desamparas... e hoje!

MARIA

— Venho logo, minha mãe, venho logo. Olhai, e não tenhais cuidado comigo: vai meu pai, vai o tio Jorge, e levo a minha aia, a Doroteia... É, é verdade, o meu fiel escudeiro há-de ir também, o meu Telmo.

MADALENA

— E tua mãe, filha, deixa-la aqui só, a morrer de tristeza (*à parte*) e de medo?

MANUEL

— Tua mãe tem razão; não há-de ser assim, hoje não pode ser. (*Maria fica triste e desolada.*)

JORGE

— Ora pois; eu já disse que não queria ver hoje ninguém triste nesta casa. Venha cá a minha donzela dolorida (*pegando-lhe na mão*), faça aqui muitas festas ao tio frade, que eu fico a fazer companhia a sua mãe. E vá, vá satisfazer essa louvável curiosidade que tem de ir ver aquela santa freirinha, que tanto deixou para deixar o mundo e se ir interrar num claustro. Vá, e venha... melhor do coração, não pode ser — que tu és boa como as que são boas, minha Maria; mas quero-te mais fria de cabeça: ouves?

MARIA

(*à parte*)

— Fria!... quando ela estiver oca! (*Alto.*) Vou-me aprontar, minha mãe?

MADALENA

(*sem vontade*)

— Se teu pai quer...

MANUEL

— Dou licença: vai. (*Maria sai a correr.*)

CENA VI

MANUEL DE SOUSA, MADALENA, JORGE

MANUEL

— É preciso deixá-la espairecer, mudar de lugar, distrair-se: aquele sangue está em chama, arde sobre si e consome-se, a não o deixarem correr à vontade. Há-de vir melhor: verás.

MADALENA

— Deus o queira! Telmo que vá com ela; não o quero cá.

MANUEL

— Porquê?

MADALENA

— Porque... Maria... Maria não está bem sem ele, e ele também... em estando sem Maria, que é a sua segunda vida, diz o pobre do velho. Sabes? já treslê muito... já está muito... e entra-me com cismas que...

MANUEL

— Está, está muito velho, coitado! Pois que vá; melhor é.

CENA VII

*MANUEL DE SOUSA, MADALENA, JORGE, MARIA,
entrando com TELMO e DOROTEIA*

MARIA

— Então vamos, meu pai.

MANUEL

— Pois vamos.

JORGE

— E são horas, vão. À Ribeira é um pedaço de rio; e até às sete, o mais, tu precisas de estar de volta à porta da Oira, que é onde irão ter os nossos padres à espera do arcebispo. Eu cá me desculparei com o prior. Vão.

MARIA

— Minha mãe! (*Abraçando-a*) Então, se chorais assim, não vou.

MANUEL

— Nem eu, Madalena. Ora pois! Eu nunca te vi assim.

MADALENA

— Porque nunca assim estive... Vão, vão... adeus! Adeus, esposo do meu coração! Maria, minha filha, toma sentido no ar, não te resfries. E o sol... não saias debaixo do toldo no bergantim.

Telmo, não te tires de ao pé dela. Dá-me outro abraço, filha. Doroteia, levais tudo? *(Examina uma bolsa grande de damasco que Doroteia leva no braço.)* Pode haver qualquer coisa, molhar-se, ter frio para a tarde... *(Telmo examinando a bolsa.)* Vai tudo bem. *(Baixo a Doroteia.)* Não me apartes os olhos dela, Doroteia. Ouve. *(Fala baixo a Doroteia, que lhe responde baixo também; depois diz alto.)* Está bom.

MANUEL

— Não tenhas cuidado; vamos todos com ela.

(Abraçam-se outra vez; Maria sai apressadamente, e para a mãe não ver que sai sufocada com choro.)

CENA VIII

MANUEL DE SOUSA, MADALENA, JORGE

MADALENA

(seguindo com os olhos a filha, e respondendo a Manuel de Sousa)

— Cuidados!... Eu não tenho já cuidados. Tenho este medo, este horror de ficar só... de vir a achar-me só no mundo.

MANUEL

— Madalena!

MADALENA

— Que queres? não está na minha mão. Mas tu tens razão de te infadar com as minhas impertinências. Não falemos mais nisso. Vai. Adeus! Outro abraço. Adeus!

MANUEL

— Oh! querida mulher minha, parece que vou eu agora imbarcar num galeão para a Índia... Ora vamos: ao anoitecer, antes da noite, aqui estou. E Jesus!... Olha a condessa de Vimioso, esta Joana de Castro, que a nossa Maria tanto deseja conhecer... Olha se ela faria esses prantos, quando disse o último adeus ao marido...

MADALENA

— Bendita ela seja! Deu-lhe Deus muita força, muita virtude. Mas não lha invejo, não sou capaz de chegar a essas perfeições.

JORGE

— É perfeição verdadeira; é a do Evangelho: «Deixa tudo e segue-me».

MADALENA

— Vivos ambos... sem ofensa um do outro, querendo-se, estimando-se... e separar-se cada um para sua cova! Verem-se com a mortalha já vestida e... vivos, são... depois de tantos anos de amor... e convivência... condenarem-se a morrer longe um do outro, sós, sós! E quem sabe se nessa tremenda hora... arrependidos!...

JORGE

— Não o permitirá Deus assim... oh, não. Que horrível coisa seria!

MANUEL

— Não permite, não. Mas não pensemos mais neles: estão intregues a Deus... *(Pausa.)* E que temos nós com isso? A nossa situação é tão diferente... *(Pausa.)* Em todas nos pode ele abençoar. Adeus, Madalena, adeus! Até logo. Maria já lá vai no cais a esta hora... Adeus! Jorge, não a deixes.

(Abraçam-se: Madalena vai até fora da porta com ele.)

CENA IX

JORGE

(só)

— Eu faço por estar alegre, e queria vê-los contentes a eles... mas não sei já que diga do estado em que vejo minha cunhada, a filha... Até meu irmão o desconheço! A todos parece que o coração lhes adivinha desgraça... E eu quási que também já se me pega o mal. Deus seja connosco!

CENA X

*JORGE, MADALENA**MADALENA**(falando ao bastidor)*

— Vai, ouves, Miranda? Vai e deixa-te lá estar até veres chegar o bergantim; e quando desimbarcarem, vem-me dizer para eu ficar descansada. *(Vem para a cena.)* Não há vento, e o dia está lindo. Ao menos não tenho sustos com a viagem. Mas a volta... quem sabe? o tempo muda tão depressa...

JORGE

— Não, hoje não tem perigo.

MADALENA

— Hoje... hoje! Pois hoje é o dia da minha vida que mais tenho receado... que ainda temo que não acabe sem muito grande desgraça... É um dia fatal para mim; faz hoje anos que... que casei a primeira vez, faz anos que se perdeu el-rei D. Sebastião, e faz anos também que... vi pela primeira vez a Manuel de Sousa.

JORGE

— Pois conta essa entre as infelicidades da vossa vida?

MADALENA

— Conto. Este amor, que hoje está santificado e bendito no céu, porque Manuel de Sousa é meu marido, começou com um crime, porque eu amei-o assim que o vi... e quando o vi, hoje, hoje... foi em tal dia como hoje, D. João de Portugal ainda era vivo! O pecado estava-me no coração; a boca não o disse... os olhos não sei o que fizeram, mas dentro da alma eu já não tinha outra imagem senão a do amante... já não guardava a meu marido, a meu bom... a meu generoso marido... senão a grosseira fidelidade que ãa mulher bem nascida quási que mais deve a si do que ao esposo. Permitiu Deus... quem sabe se para me tentar?... que naquela funesta batalha de Alcácer, entre tantos, ficasse também D. João.

CENA XI

MADALENA, JORGE, MIRANDA

MIRANDA

(apressurado)

— Senhora... minha senhora!

MADALENA

(sobressaltada)

— Quem vos chamou, que quereis? Ah! és tu, Miranda. Como assim! já chegaram? Não pode ser.

MIRANDA

— Não, minha senhora: ainda agora irão passando o pontal. Mas não é isso.

MADALENA

— Então que é? Não vos disse eu que não viésseis dali antes de os ver chegar?

MIRANDA

— Para lá torno já, minha senhora: há tempo de sobejo. Mas, venho trazer-vos recado... um estranho recado, por minha fé.

MADALENA

— Dizei já, que me estais a assustar.

MIRANDA

— Para tanto não é; nem coisa séria, antes quási para rir. É um pobre velho peregrino, um destes romeiros que aqui estão sempre a passar, que vêm das bandas de Espanha...

MADALENA

— Um cativo... um remido?

MIRANDA

— Não, senhora, não traz a cruz⁽¹⁴⁾, nem é; é um romeiro, algum destes que vão a Sant'Iago; mas diz ele que vem de Roma e dos Santos Lugares.

MADALENA

— Pois, coitado, virá. Agasalhai-o, e dêem-lhe o que precisar.

MIRANDA

— É que ele diz que vem da Terra Santa, e...

MADALENA

— E porque não virá! Ide, ide; e fazei-o acomodar já. É velho?

MIRANDA

— Muito velho, e com umas barbas!... Nunca vi tão formosas barbas de velho e tão alvas. Mas, senhora, diz ele que vem da Palestina e que vos traz recado...

MADALENA

— A mim!

MIRANDA

— A vós; e que por força vos há-de ver e falar.

MADALENA

— Ide vê-lo. Frei Jorge. Ingano há-de ser; mas ide ver o pobre do velho.

MIRANDA

— É escusado, minha senhora: o recado que traz, diz que a outrem não dará senão a vós, e que muito vos importa sabê-lo.

⁽¹⁴⁾ «Os remidos traziam um escapulário branco com a cruz da Ordem das Mercês ou da Redenção, que entre nós se chama da Trindade. São frequentes nos nossos escritores as descrições da solene procissão em que davam como que a sua entrada pública no seio da cristandade, a que eram restituídos os cativos. Com aquele sinal, que a todos inspirava respeito e simpatia, esmolavam depois pelas terras, e muitos ajuntaram quantias avultadas.» (A. Garrett)

JORGE

— Eu sei o que é: alguma relíquia dos Santos Lugares, se ele com efeito de lá vem, que o bom do velho vos quer dar... como tais coisas se dão a pessoas da vossa qualidade... a troco de uma esmola avultada. É o que ele há-de querer: é o costume.

MADALENA

— Pois venha embora o romeiro! E trazei-mo aqui, trazei.

CENA XII

MADALENA, JORGE

JORGE

— Que é precisa muita cautela com estes peregrinos! A vieira no chapéu e o bordão na mão, às vezes não são mais do que negaças para armar à caridade dos fiéis. E nestes tempos revoltos...

CENA XIII

MADALENA, JORGE e MIRANDA, que volta com o ROMEIRO

MIRANDA

(da porta)

— Aqui está o romeiro.

MADALENA

— Que entre. E vós, Miranda, tornai para onde vos mandei; ide já, e fazei como vos disse.

JORGE

(chegando à porta da direita)

— Entrai, irmão, entrai. *(O romeiro entra devagar.)* Esta é a senhora D. Madalena de Vilhena. É esta a quem desejais falar?

ROMEIRO

— A mesma.

(A um sinal de Frei Jorge, Miranda retira-se.)

CENA XIV

MADALENA, JORGE, ROMEIRO

JORGE

— Sois português?

ROMEIRO

— Como os melhores, espero em Deus.

JORGE

— E vindes?

ROMEIRO

— Do Santo Sepulcro de Jesus Cristo.

JORGE

— E visitastes todos os Santo Lugares?

ROMEIRO

— Não os visitei; morei lá vinte anos cumpridos.

MADALENA

— Santa vida levastes, bom romeiro.

ROMEIRO

— Oxalá! Padecei muita fome, e não a sofri com paciência; deram-me muitos tratos, e nem sempre os levei com os olhos naquele que ali tinha padecido tanto por mim... Queria rezar e meditar nos mistérios da Sagrada Paixão que ali se obrou... e as paixões mundanas, e as lembranças dos que se chamavam meus

segundo a carne travavam-me do coração e do espírito, que os não deixavam estar com Deus, nem naquela terra que é toda sua. Oh! eu não merecia estar onde estive: bem vedes que não soube morrer lá.

JORGE

— Pois bem: Deus quis trazer-vos a terra de vossos pais; e quando for sua vontade, ireis morrer sossegado nos braços de vossos filhos.

ROMEIRO

— Eu não tenho filhos, padre.

JORGE

— No seio de vossa família...

ROMEIRO

— A minha família... Já não tenho família.

MADALENA

— Sempre há parentes, amigos...

ROMEIRO

— Parentes!... Os mais chegados, os que eu me importava achar... contaram com a minha morte, fizeram a sua felicidade com ela; hão-de jurar que me não conhecem.

MADALENA

— Haverá tão má gente... e tão vil, que tal faça.

ROMEIRO

— Necessidade pode muito. Deus lho perdoará, se puder!

MADALENA

— Não façais juízos temerários, bom romeiro.

ROMEIRO

— Não faço. De parentes, já sei mais do que queria. Amigos, tenho um; com esse conto.

JORGE

— Já não sois tão infeliz.

MADALENA

— E o que eu puder fazer-vos, todo o amparo e agasalho que puder dar-vos, contai comigo, bom velho, e com meu marido, que há-de folgar de vos proteger...

ROMEIRO

— Eu já vos pedi alguma coisa, senhora?

MADALENA

— Pois perdoai, se vos ofendi, amigo.

ROMEIRO

— Não há ofensa verdadeira senão as que se fazem a Deus. Pedi-lhe vós perdão a Ele, que vos não faltara de quê.

MADALENA

— Não, irmão, não, decerto. E Ele terá compaixão de mim.

ROMEIRO

— Terá...

JORGE

(cortando a conversação)

— Bom velho, dissestes trazer um recado a esta dama: dai-lho já, que haveis mister de ir descansar...

ROMEIRO

(sorrindo amargamente)

— Quereis lembrar-me que estou abusando da paciência com que me têm ouvido? Fizestes bem, padre: eu ia-me esquecendo... talvez me esquecesse de todo da mensagem a que vim... Estou tão velho e mudado do que fui!

MADALENA

— Deixai, deixai, não importa, eu folgo de vos ouvir: dir-me-eis vosso recado quando quiserdes... logo, amanhã...

ROMEIRO

— Hoje há-de ser. Há três dias que não durmo nem descanso nem pousei esta cabeça nem pararam estes pés dia nem noite, para chegar aqui hoje, para vos dar meu recado... e morrer depois... ainda que morresse depois; porque jurei... faz hoje um ano... quando me libertaram, dei juramento sobre a pedra santa do Sepulcro de Cristo...

MADALENA

— Pois éreis cativo em Jerusalém?

ROMEIRO

— Era; não vos disse que vivi lá vinte anos?

MADALENA

— Sim, mas...

ROMEIRO

— Mas o juramento que dei foi que, antes de um ano cumprido, estaria diante de vós, e vos daria da parte de quem me mandou...

MADALENA

(aterrada)

— E quem vos mandou, homem?

ROMEIRO

— Um homem foi, e um honrado homem... a quem unicamente devi a liberdade... a ninguém mais. Jurei fazer-lhe a vontade, e vim.

MADALENA

— Como se chama?

ROMEIRO

— O seu nome, nem o da sua gente nunca o disse a ninguém no cativoiro.

MADALENA

— Mas, enfim, dizei vós...

ROMEIRO

— As suas palavras trago-as escritas no coração com as lágrimas de sangue que lhe vi chorar, que muitas vezes me caíram nestas mãos, que me correram por estas faces. Ninguém o consolava senão eu... e Deus! Vede se me esqueceriam as suas palavras.

JORGE

— Homem, acabai!

ROMEIRO

— Agora acabo; sofrei, que ele também sofreu muito. Aqui estão as suas palavras: «Ide a D. Madalena de Vilhena, e dizei-lhe que um homem que muito bem lhe quis... aqui está vivo... por seu mal... e daqui não pode sair nem mandar-lhe novas suas, de há vinte anos que o trouxeram cativo».

MADALENA

(na maior ansiedade)

— Deus tenha misericórdia de mim! E esse homem, esse homem... Jesus! esse homem era... esse homem tinha sido... levaram-no aí de donde?... de África?

ROMEIRO

— Levaram.

MADALENA

— Cativo?

ROMEIRO

— Sim.

MADALENA

— Português!... cativo da batalha de?...

ROMEIRO

— De Alcácer-Quibir.

MADALENA

(espavorida)

— Meu Deus, meu Deus! Que se não abre a terra debaixo de meus pés... Que não caem estas paredes, que me não sepultam já aqui?...

JORGE

— Calai-vos, D. Madalena! A misericórdia de Deus é infinita. Esperai. Eu duvido, eu não creio... estas não são cousas para se crerem de leve. *(Reflecte, e logo como por uma ideia que lhe acudiu de repente.)* Oh ! inspiração divina... *(chegando ao romeiro)*. Conheceis bem esse homem, romeiro, não é assim?

ROMEIRO

— Como a mim mesmo.

JORGE

— Se o víreis... ainda que fora noutros trajos... com menos anos, pintado, digamos, conhecê-lo-eis?

ROMEIRO

— Como se me visse a mim mesmo num espelho.

JORGE

— Procurai nesses retratos, e dizei-me se algum deles pode ser.

ROMEIRO

(sem procurar, e apontando logo para o retrato de D. João)

— É aquele.

MADALENA

(com um grito espantoso)

— Minha filha, minha filha, minha filha!... *(Em tom cavo e profundo.)* Estou... estás... perdidas, desonradas... infames! *(Com outro grito do coração.)* Oh! minha filha, minha filha!... *(Foge espavorida e neste gritar.)*

CENA XV

JORGE e o ROMEIRO, que seguiu MADALENA com os olhos, e está alçado no meio da casa, com aspecto severo e tremendo

JORGE

— Romeiro, romeiro, quem és tu?

ROMEIRO

(apontando com o bordão para o retrato de D. João de Portugal)

— Ninguém!

(Frei Jorge cai prostrado no chão, com os braços estendidos diante da tribuna. O pano desce lentamente.)

Acto Terceiro

Parte baixa do palácio de D. João de Portugal, comunicando, pela porta à esquerda do espectador, com a capela da Senhora da Piedade na Igreja de S. Paulo dos Domínicos d'Almada; é um casarão vasto sem ornato algum. Arrumadas às paredes, em diversos pontos, escadas, tocheiras, cruces, ceriais e outras alfaias e guisamentos de igreja de uso conhecido. A um lado, um esquife dos que usam as confrarias: do outro, uma grande cruz negra de tábua com o letreiro INRI e toalha pendente, como se usa nas cerimónias da Semana Santa. Mais para a cena uma banca velha com dois ou três tamborettes: a um lado uma tocheira baixa com tocha acesa e já bastante gasta; sobre a mesa um castiçal de chumbo, de credência, baixo e com vela acesa também, e um hábito completo de religioso domínico, túnica, escapulário, rosário, cinto, etc. No fundo, porta que dá para as oficinas e aposentos que ocupam o resto dos baixos do palácio. É alta noite.

CENA I

MANUEL DE SOUSA

sentado num tamborete ao pé da mesa, o rosto inclinado sobre o peito, os braços caídos e em completa prostração de espírito e corpo; num tamborete do outro lado, JORGE, meio incostado para a mesa, com as mãos postas e os olhos pregados no irmão:

MANUEL

— Oh, minha filha, minha filha! *(Silêncio longo.)* Desgraçada filha, que ficas órfã!... órfã de pai e de mãe... *(pausa)* e de família e de nome, que tudo perdeste hoje... *(Levanta-se com violenta aflição.)* A desgraçada nunca os teve. Oh, Jorge, que esta lembrança é que me mata, que me desespera! *(Apertando a mão do irmão, que se levantou após dele e o está consolando do gesto.)* É o castigo terrível do meu erro... se foi erro... crime sei que não foi. E sabe-o Deus, Jorge, e castigou-me assim, meu irmão!

JORGE

— Paciência, paciência: os seus juízos são imperscrutáveis. *(Acalma e faz sentar o irmão; tornam a ficar ambos como estavam.)*

MANUEL

— Mas eu em que mereci ser feito o homem mais infeliz da terra, posto de alvo à irrisão e ao discursar do vulgo?... Manuel de Sousa Coutinho, o filho de Lopo de Sousa Coutinho, o filho de nosso pai, Jorge!

JORGE

— Tu chamas-te o homem mais infeliz da terra... Já te esqueceste que ainda está vivo aquele...

MANUEL

(caindo em si)

— É verdade. (*Pausa: e depois, como quem se desdiz.*) Mas não é nem tanto: padeceu mais, padeceu mais longamente e bebeu até às fezes o cálix das amarguras humanas... (*Levantando a voz.*) Mas fui eu, eu que lho preparei, eu que lho dei a beber, pelas mãos... inocentes mãos!... dessa infeliz que arrastei na minha queda, que lancei nesse abismo de vergonha, a quem cobri as faces — as faces puras e que não tinham corado doutro pejo senão do da virtude e do recato... cobri-lhas de um véu de infâmia que nem a morte há-de levantar, porque lhe fica perpétuo e para sempre lançado sobre o túmulo a cobrir-lhe a memória de sombras... de manchas que se não lavam! Fui eu o autor de tudo isto, o autor da minha desgraça e da sua desonra deles... Sei-o, conheço-o; e, não sou mais infeliz que nenhum?

JORGE

— Vê a palavra que disseste: «desonra»; lembra-te dela e de ti, e considera se podes pleitear misérias com esse homem a quem Deus não quis acudir com a morte antes de conhecer essoutra agonia maior. Ele não tem...

MANUEL

— Ele não tem uma filha como eu, desgraçado... (*Pausa.*) Uma filha bela, pura, adorada, sobre cuja cabeça — oh, porque não é na minha! — vai cair essa desonra, toda a ignomínia, todo o opróbrio que a injustiça do mundo, não sei porquê, não me quer lançar no rosto a mim, para pôr tudo na testa branca e pura de um anjo, que não tem outra culpa senão a da origem que eu lhe dei.

JORGE

— Não é assim, meu irmão, não te cegues com a dor, não te faças mais infeliz do que és. Já não és pouco, meu pobre Manuel, meu querido irmão! E Deus há-de levar em conta essas amarguras. Já que te não pode apartar o cálix dos beijos, o que tu padeces há-de ser descontado nela, há-de resgatar a culpa.

MANUEL

— Resgate! sim, para o céu: nesse confio eu... mas o mundo?

JORGE

— Deixa o mundo e as suas vaidades!

MANUEL

— Estão deixadas todas. Mas este coração é de carne.

JORGE

— Deus, Deus será o pai de tua filha.

MANUEL

— Olha, Jorge: queres que te diga o que eu sei decerto, e que devia ser consolação... mas não é, que eu sou homem, não sou anjo, meu irmão — devia ser consolação, e é desespero, é coroa de espinhos de toda esta paixão que estou passando... É que a minha filha... Maria... a filha do meu amor, a filha do meu pecado, se Deus quer que seja pecado, não vive, não resiste, não sobrevive a esta afronta. *(Desata a soluçar, cai com os cotovelos fixos na mesa e as mãos apertadas no rosto: fica nesta posição por longo tempo. Ouve-se de quando em quando um soluço comprimido. Frei Jorge está em pé, detrás dele, amparando-o com o seu corpo, e os olhos postos no céu.)*

JORGE

(chamando timidamente)

— Manuel.

MANUEL

— Que me queres, irmão?

JORGE

(animando-o)

— Ela não está tão mal; já lá estive hoje...

MANUEL

— Estiveste?... Oh! conta-me, conta-me; eu não tenho... não tive ainda ânimo de a ir ver.

JORGE

— Haverá duas horas que entrei na sua câmara, e estive ao pé do leito. Dormia, e mais sossegada da respiração. O acesso de febre, que a tomou quando chegaram de Lisboa e que viu a mãe naquele estado, parecia declinar... quebrar-se mais alguma coisa. Doroteia e Telmo... pobre velho, coitado!... estavam ao pé dela, cada um de seu lado... Disseram-me que não tinha tornado a... a...

MANUEL

— A lançar sangue?... Se ela deitou o do coração! Não tem mais. Naquele corpo tão franzino, tão delgado, que mais sangue há-de haver? Quando ontem a arranquei d'ao pé da mãe e a levava nos braços, não mo lançou todo às golfadas aqui no peito? (*Mostra um lenço branco todo manchado de sangue.*) Não o tenho aqui... o sangue... o sangue da minha vítima?... que é o sangue das minhas veias... que é sangue da minha alma, e o sangue da minha querida filha! (*Beija o lenço muitas vezes.*) Oh, meu Deus, meu Deus! Eu queria pedir-te que a levasses já... e não tenho ânimo. Eu devia aceitar por mercê de tuas misericórdias que chamasses aquele anjo para junto dos teus, antes que o mundo, este mundo infame e sem comiseração, lhe cuspsse na cara com a desgraça do seu nascimento. Devia, devia... e não posso, não quero, não sei, não tenho ânimo, não tenho coração. Peça-te vida, meu Deus (*ajoelha e põe as mãos*), peça-te vida, vida, vida... para ela, vida para a minha filha!... saúde, vida para a minha querida filha!... e morra eu de vergonha, se é preciso; cubra-me o escárnio do mundo, desonre-me o opróbrio dos homens, tape-me a sepultura uma loisa de ignomínia, um epitáfio que fique a bradar por essas eras desonra e infâmia sobre mim !... Oh, meu Deus, meu Deus! (*Cai de bruços no chão... Passado algum tempo, Frei Jorge se chega para ele, levantando-o quási a peso, e o torna a assentar.*)

JORGE

— Manuel, meu bom Manuel, Deus sabe melhor o que nos convém a todos. Põe nas suas mãos esse pobre coração, põe-no resignado

e contrito, meu irmão, e Ele fará o que em sua misericórdia sabe que é melhor.

MANUEL

(com veemência e medo)

— Então desinganas-me... desinganas-me já... é isso que queres dizer? Fala, homem: não há que esperar?... não há que esperar dali, não é assim? Dize: morre, morre?... *(Desanimado)* Também fico sem filha!

JORGE

— Não disse tal. Por caridade contigo, meu irmão, não imagines tal. Eu disse-te a verdade: Maria pareceu-me menos oprimida; dormia...

MANUEL

(variando)

— Se Deus quisera que não acordasse!

JORGE

— Valha-me Deus!

MANUEL

— Para mim aqui está esta mortalha: *(tocando no hábito)* morri hoje... vou amortalhar-me logo; e adeus tudo o que era mundo para mim! Mas minha filha não era do mundo... não era, Jorge; tu bem sabes que não era; foi um anjo que veio do céu para me acompanhar na peregrinação da terra, e que me apontava sempre, a cada passo da vida, para a eterna pousada donde viera e onde me conduzia... Separou-nos o arcanjo das desgraças, o ministro das iras do Senhor, que derramou sobre mim o vaso cheio das lágrimas e a taça rasa das amarguras ardentes de sua cólera... *(Caindo de tom.)* Vou com esta mortalha para a sepultura... e, viva ou morta, cá deixo a minha filha no meio dos homens que a não conheceram, que a não hão-de conhecer nunca, porque ela não era deste mundo nem para ele... *(Pausa.)* Torna lá, Jorge, vai vê-la outra vez, vai e vem-me dizer; que eu ainda não posso... mas hei-de ir, oh! hei-de ir vê-la e beijá-la antes de descer à cova... Tu não queres; não podes querer...

JORGE

— Havemos de ir... quando estiveres mais sossegado... havemos de ir ambos. Descansa, hás-de vê-la. Mas isto ainda é cedo.

MANUEL

— Que horas serão?

JORGE

— Quatro, quatro e meia. (*Vai à porta da esquerda e volta.*) São cinco horas, pelo alvor da manhã que já dá nos vidros da igreja. De aqui a pouco iremos; mas sossega.

MANUEL

— E a outra... a outra desgraçada, meu irmão?

JORGE

— Está — imagina por ti — está como não podia deixar de estar; mas a confiança em Deus pode muito: vai-se conformando. O Senhor fará o resto. Eu tenho fé neste escapulário (*tocando no hábito em cima da mesa*) para ti e para ela. Foi uma resolução digna de vós, foi uma inspiração divina que os alumiou a ambos. Deixa estar; ainda pode haver dias felizes para quem soube consagrar a Deus as suas desgraças.

MANUEL

— E isso está tudo pronto? Eu não soffro nestes hábitos, eu não aturo, com estes vestidos de vivo, a luz desse dia que vem a nascer.

JORGE

— Está tudo concluído. O arcebispo mostrou-se bom e piedoso prelado nesta ocasião; e é um santo homem, é. O arcebispo já expediu todas as licenças e papéis necessários. Coitado! o pobre do velho velou quási toda a noite com o seu vigário para que não faltasse nada desde o romper do dia. Mandou-se ao provincial, e pela sua parte e pela nossa tudo está corrente. Frei João de Portugal, que é o Prior de Benfica, e também vigário do Sacramento, sabes,

chegou haverá duas horas, noite fechada ainda, e cá está: é quem te há-de lançar o hábito, a ti e a Dona... a minha irmã. Depois ireis, segundo vosso desejo, um para Benfica, outro para o Sacramento.

MANUEL

— Tu és um bom irmão, Jorge. (*Aperta-lhe a mão.*) Deus te há-de pagar. (*Pausa.*) Eu não me atrevo... tenho repugnância... mas é forçoso perguntar-te por alguém mais. Onde está ele... e o que fará?...

JORGE

— Bem sei, não digas mais: o romeiro. Está na minha cela, e de lá não há-de sair — que foi ajustado entre nós — senão quando... quando eu lho disser. Descansa; não verá ninguém nem será visto de nenhum daqueles que o não devem ver. Demais, o segredo do seu nome verdadeiro está entre mim e ti⁽¹⁵⁾ — além do arcebispo, a quem foi indispensável comunicá-lo para evitar todas as formalidades e delongas, que aliás havia de haver numa separação desta ordem. Ainda há outra pessoa com quem lhe prometi — não pude deixar de prometer, porque, sem isso, não queria ele entrar em acordo algum — com quem lhe prometi que havia de falar hoje e antes de mais nada.

MANUEL

— Quem? Será possível?... Pois esse homem quer ter a crueldade de rasgar, fevra a fevra, os pedaços daquele coração já partido? Não tem intranhas esse homem: sempre assim foi, duro, desapiedado como a sua espada. É D. Madalena que ele quer ver?...

JORGE

— Não, homem; é o seu aio velho, é Telmo Pais. Como lho havia de eu recusar!

⁽¹⁵⁾ «Seja verdadeira ou não a história da aparição do peregrino em casa de D. Madalena, ela foi geralmente acreditada... Fazer do peregrino o próprio D. João de Portugal foi suposição poética, todavia bem provável e possível, e que mais facilmente explicaria todas as circunstâncias misteriosas daquela aparição e das suas consequências.» (A. Garrett)

MANUEL

— De nenhum modo; fizeste bem; eu é que sou injusto. Mas o que eu padeço é tanto e tal!... — Vamos; eu ainda me não intendo bem claro com esta desgraça. Dize-me, fala-me a verdade: minha mulher... — minha mulher! com que boca pronuncio eu ainda estas palavras! — D. Madalena o que sabe?

JORGE

— O que lhe disse o romeiro naquela fatal sala dos retratos... o que já te contei. Sabe que D. João está vivo, mas não sabe aonde; supõe-no na Palestina, talvez; é onde o deve supor, pelas palavras que ouviu.

MANUEL

— Então não conhece, como eu, toda a extensão, toda a indubitável verdade da nossa desgraça. Ainda bem! talvez possa duvidar, consolar-se com alguma esperança de incerteza.

JORGE

— Ontem de tarde, não; mas esta noite começava a raiar-lhe no espírito alguma falsa luz dessa vã esperança. Deus lha deixe, se é para bem seu.

MANUEL

— Porque não há-de deixar? Não é já desgraçada bastante? E Maria, a pobre Maria!... Essa confio no Senhor que não saiba ao menos por ora...

JORGE

— Não sabe. E ninguém lho disse, nem dirá. Não sabe senão o que viu: a mãe quási nas agonias da morte. Mas o motivo, só se ela o adivinhar. Tenho medo que o faça...

MANUEL

— Também eu.

JORGE

— Deus será connosco e com ela! Mas não; Telmo não lhe diz nada por certo; eu ja lhe asseverei — e acreditou-me — que a mãe estava melhor, que tu ias logo vê-la... E assim espero que, até lá por meio do dia, a possamos conservar em completa ignorância de tudo. Depois ir-se-lhe-á dizendo, pouco a pouco, até onde for inevitável. E Deus... Deus lhe acudirá.

MANUEL

— Minha pobre filha, minha querida filha!

CENA II

JORGE, MANUEL DE SOUSA, TELMO

TELMO

(batendo de fora à porta do fundo)

— Acordou.

MANUEL

(sobressaltado)

— É a voz de Telmo.

JORGE

— É *(indo abrir a porta)*. Entrai, Telmo.

TELMO

— Acordou.

JORGE

— E como está?

TELMO

— Melhor, muito melhor, parece outra. Está muito abatida, isso sim; muito fraca, a voz lenta, mas os olhos serenos, animados como dantes e sem aquele fuzilar de ontem. Perguntou por vós... ambos.

MANUEL

— E pela mãe?

TELMO

— Não, nunca mais falou nela.

MANUEL

— Oh, filha, filha!...

JORGE

— Iremos vê-la. (*Pega na mão do irmão.*) Tu prometes-me...

MANUEL

— Prometo.

JORGE

— Vamos (*chamando a Telmo para a boca da cena*). Ouvi, Telmo; lembrai-vos do que vos disse esta manhã?

TELMO

— Não me hei-de lembrar?

JORGE

— Ficai aqui. Em nós saindo, puxai aquela corda que vai dar à sineta da sacristia; virá um irmão converso; dizei-lhe o vosso nome, ele ir-se-á sem mais palavra, e vós esperai. Fechai logo esta porta por dentro, e não abrais senão à minha voz. Intendes-tes.

TELMO

— Ide descansado.

CENA III

TELMO, depois o IRMÃO CONVERSO

TELMO

(Vai para deitar a mão à corda, pára, suspenso, algum tempo, e depois)

— Vamos: isto há-de ser. *(Ouve-se tocar longe uma sineta; Telmo fica pensativo e com o braço levantado e imóvel.)*

CONVERSO

— Quem sois?

TELMO

(estremecendo)

— Telmo Pais.

(O converso faz vénia e vai-se.)

CENA IV

TELMO

(só)

— Virou-se-me a alma toda com isto: não sou já o mesmo homem. Tinha um pressentimento do que havia de acontecer... parecia-me que não podia deixar de suceder... e cuidei que o desejava enquanto não veio. Veio, e fiquei mais aterrado, mais confuso que ninguém! Meu honrado amo, o filho do meu nobre senhor, está vivo... o filho que eu criei nestes braços... Vou saber novas certas dele, no fim de vinte anos de o julgarem todos perdido; e eu, eu que sempre esperei, que sempre suspirei pela sua vinda... — era um milagre que eu esperava sem o crer! — eu agora tremo... É que o amor destoutra filha, desta última filha, é maior, e venceu... venceu... apagou o outro... Perdoai-me, Deus, se é pecado. Mas que pecado há-de haver com aquele anjo? Se ela me viverá, se escapará desta crise terrível? Meu Deus, meu Deus *(ajoelha)*, levai o velho que já não presta para nada, levai-o, por quem sois! *(Aparece o Romeiro à porta da esquerda, e vem lentamente aproximando-se de Telmo, que não dá por ele)*. Contentai-vos com este pobre sacrifício da minha vida, Senhor,

e não me tomeis dos braços o inocentinho que eu criei para vós, Senhor, para vós... mas ainda não, não mo leveis ainda. Já padeceu muito, já traspassaram bastantes dores aquela alma; esperai-lhe com a da morte algum tempo!

CENA V

TELMO e ROMEIRO

ROMEIRO

— Que não oiça Deus o teu rogo!

TELMO

(sobressaltado)

— Que voz! — Ah! é o romeiro. Que me não oiça Deus! Porquê?

ROMEIRO

— Não pedias tu por teu desgraçado amo, pelo filho que criaste?

TELMO

(à parte)

— Já não sei pedir senão pela outra. *(Alto.)* E que pedisse por ele! ou por outrem, porque não me há-de ouvir Deus, se lhe peço a vida de um inocente?

ROMEIRO

— E quem te disse que ele o era?

TELMO

— Esta voz... esta voz...! Romeiro, quem és tu?

ROMEIRO

(tirando o chapéu e alevantando o cabelo dos olhos)

— Ninguém, Telmo; ninguém, se nem já tu me conheces!

TELMO

(deitando-se-lhe às mãos para lhas beijar)

— Meu amo, meu senhor... sois vós? Sois, sois. D. João de Portugal, oh, sois vós, senhor?

ROMEIRO

— Teu filho já não?

TELMO

— Meu filho!... Oh! é o meu filho todo; a voz, o rosto... Só estas barbas, este cabelo não... Mais branco já que o meu, senhor!

ROMEIRO

— São vinte anos de cativo e miséria, de saudades, de ânsias que por aqui passaram. Para a cabeça bastou uma noite como a que veio depois da batalha de Alcácer; a barba, acabaram de a curar o sol da Palestina e as águas do Jordão.

TELMO

— Por tão longe andastes!

ROMEIRO

— E por tão longe eu morrera! Mas não quis Deus assim.

TELMO

— Seja feita a Sua vontade.

ROMEIRO

— Pesa-te?

TELMO

— Oh! senhor!

ROMEIRO

— Pesa-te...

TELMO

— Há-de me pesar da vossa vida? (*À parte*) Meu Deus, parece-me que menti...

ROMEIRO

— E porque não, se já me pesa a mim dela, se tanto me pesa ela a mim? Amigo, ouve... Tu és meu amigo?

TELMO

— Não sou?

ROMEIRO

— És, bem sei. E contudo, vinte anos de ausência e de conversação de novos amigos fazem esquecer tanto os velhos! Mas tu és meu amigo. E se tu o não foras, quem o seria?

TELMO

— Senhor!

ROMEIRO

— Eu não quis acabar com isto, não quis pôr em efeito a minha última resolução sem falar contigo, sem ouvir da tua boca...

TELMO

— O que quereis que vos diga, senhor? Eu...

ROMEIRO

— Tu, bem sei que duvidaste sempre da minha morte, que não quiseste ceder a nenhuma evidência; não me admirou de ti, meu Telmo. Mas também não posso — Deus me ouve — não posso criminalar ninguém por que o acreditasse: as provas eram de convencer todo o ânimo; só lhe podia resistir o coração. E aqui... coração que fosse meu... não havia outro.

TELMO

— Sois injusto.

ROMEIRO

— Bem sei o que queres dizer. E é verdade isso? É verdade que por toda a parte me procuraram, que por toda a parte... ela mandou mensageiros, dinheiro?

TELMO

— Como é certo estar Deus no céu, como é certo ser aquela a mais honrada e virtuosa dama que tem Portugal.

ROMEIRO

— Basta: vai dizer-lhe que o peregrino era um impostor, que desapareceu, que ninguém mais houve novas dele; que tudo isto foi vil e grosseiro imbuste de inimigos de...⁽¹⁶⁾ dos inimigos desse homem que ela ama... E que sossegue, que seja feliz. Telmo, adeus!

TELMO

— E eu hei-de mentir, senhor, eu hei-de renegar de vós, como um vilão que não sou?

ROMEIRO

— Hás-de, porque eu te mando.

TELMO

(em grande ansiedade)

— Senhor, senhor, não tenteis a fidelidade do vosso servo! É que vós não sabeis... D. João, meu senhor, meu amo, meu filho, vós não sabeis...

ROMEIRO

— O quê?

⁽¹⁶⁾ «Talvez assim fosse, com efeito. Nem o padre Incarnação nem nenhum dos outros que referem a história do peregrino dizem o que foi feito dele; e a explicação mais plausível que a tão estranho sucesso achou o bom do padre foi que seria talvez um anjo mandado por Deus para chamar aquelas duas almas ao Céu pelo caminho do claustro. É quase uma saída dramática, das que tanto incorreram na censura de Horácio: *nec Deus ex machina...*» (A. Garrett)

TELMO

— Que há aqui um anjo... uma outra filha minha, senhor, que eu também criei...

ROMEIRO

— E a quem já queres mais que a mim, dize a verdade.

TELMO

— Não mo pergunteis.

ROMEIRO

— Nem é preciso. Assim devia de ser. Também tu! Tiraram-me tudo. (*Pausa*) E têm um filho eles?... Eu não... E mais, imagino... Oh! passaram hoje pior noite do que eu! Que lho leve Deus em conta e lhes perdoe como eu perdoei já. Telmo, vai fazer o que mandei.

TELMO

— Meu Deus, meu Deus, que hei-de eu fazer?

ROMEIRO

— O que te ordena teu amo. Telmo, dá-me um abraço. (*Abraçam-se.*) Adeus, adeus, até...

TELMO

(com ansiedade crescente)

— Até quando, senhor?

ROMEIRO

— Até ao dia de juízo.

TELMO

— Pois vós?

ROMEIRO

— Eu... Vai, saberás de mim quando for tempo. Agora é preciso remediar o mal feito. Fui imprudente, foi injusto, fui duro e cruel. E para quê? D. João de Portugal morreu no dia em que sua mulher

disse que ele morrera. Sua mulher honrada e virtuosa, sua mulher que ele amava... — oh, Telmo, Telmo, com que amor a amava eu! — sua mulher que ele já não pode amar sem desonra e vergonha!... Na hora em que ela acreditou na minha morte, nessa hora morri. Com a mão que deu a outro riscou-me do número dos vivos. D. João de Portugal não há-de desonrar a sua viúva. Não, vai; dito por ti terá dobrada força: dize-lhe que falaste com o romeiro, que o examinaste, que o convenceste de falso e de impostor... dize o que quiseres, mas salva-a a ela da vergonha, e ao meu nome da afronta. De mim já não há senão esse nome, ainda honrado; a memória dele que fique sem mancha. Está em tuas mãos, Telmo, intrego-te mais que a minha vida. Queres faltar-me agora?

TELMO

— Não, meu senhor; a resolução é nobre e digna de vós; mas pode ela aproveitar ainda?

ROMEIRO

— Porque não?

TELMO

— Eu sei! Talvez...

CENA VI

ROMEIRO, TELMO; e MADALENA de fora, à porta do fundo

MADALENA

— Esposo, esposo, abri-me, por quem sois! Bem sei que aqui estais! Abri!

ROMEIRO

— É ela que me chama! Santo Deus! Madalena que chama por mim...

TELMO

— Por vós?

ROMEIRO

— Pois por quem?... Não lhe ouves gritar: «esposo, esposos?»

MADALENA

— Marido da minha alma, pelo nosso amor te peço, pelos doces nomes que me deste, pelas memórias da nossa felicidade antiga, pelas saudades de tanto amor e tanta ventura, oh! não me negues este último favor!

ROMEIRO

— Que incanto, que sedução! Como lhe hei-de resistir!?

MADALENA

— Meu marido, meu amor, meu Manuel!

ROMEIRO

— Ah! E eu tão cego que já tomava para mim! Céu e inferno! Abra-se esta porta... *(Investe para a porta com ímpeto: mas pára de repente.)* Não: o que é dito, é dito. *(Vai precipitadamente à corda da sineta, toca com violência; aparece o mesmo irmão converso, e a um sinal do romeiro ambos desaparecem pela porta da esquerda.)*

CENA VII

TELMO, MADALENA; depois JORGE e MANUEL DE SOUSA

MADALENA

(ainda de fora)

— Jorge, meu irmão, Frei Jorge, vós estais aí, que eu bem sei; abri-me por caridade, deixai-me dizer uma única palavra a meu... a vosso irmão, e não vos importuno mais, e farei tudo o que de mim quereis, e... *(Ouve-se do mesmo lado ruído de passos apressados, e logo a voz de Frei Jorge.)*

JORGE

(de fora)

— Telmo, Telmo, abri, se podeis... abri já.

TELMO

(abrindo a porta)

— Aqui estou eu só.

MADALENA

(entrando desgrenhada e fora de si, procurando com os olhos todos os recantos da casa.)

— Estáveis aqui só, Telmo! E ele para onde foi?

TELMO

— Ele quem, senhora?

JORGE

(vindo à frente)

— Telmo estava aqui aguardando por mim, e com ordem de não abrir a ninguém enquanto eu não viesse.

MADALENA

— Aqui havia duas vozes que falaram; distintamente as ouvi.

TELMO

(aterrado)

— Ouvistes?

MADALENA

— Sim, ouvi. Onde está ele, Telmo? Onde está meu marido... Manuel de Sousa?

MANUEL

(que tem estado no fundo, enquanto Madalena, sem o ver, se adiantara para a cena, vem agora à frente)

— Esse homem está aqui, senhora; que lhe quereis?

MADALENA

— Oh, que ar, que tom, que modo esse com que me falas!...

MANUEL

(internecendo-se)

— Madalena... *(caindo em si gravemente.)* Senhora, como quereis que vos fale, que quereis que vos diga? Não está tudo dito entre nós?

MADALENA

— Tudo! quem sabe? Eu parece-me que não. Olha, eu sei... mas não daríamos nós, com demasiada precipitação, uma fé tão cega, uma crença tão implícita a essas misteriosas palavras de umromeiro, um vagabundo... um homem enfim que ninguém conhece? Pois dize...

TELMO

(aparte a Jorge)

— Tenho que vos dizer, ouvi. *(Conversam ambos à parte.)*

MANUEL

— Oh! Madalena, Madalena! não tenho mais nada que te dizer. Crê-me, que to juro na presença de Deus: a nossa união, o nosso amor é impossível.

JORGE

(continuando a conversação com Telmo, e levantando a voz com aspereza)

— É impossível, já'gora... e sempre o devia ser!

MADALENA

(virando-se para Jorge)

— Também tu, Jorge!

JORGE

(virando-se para ela)

— Eu falava com Telmo, minha irmã. *(Para Telmo.)* Ide, Telmo, ide onde vos disse, que sois mais preciso lá. *(Fala-lhe ao ouvido; depois alto.)* Não ma deixes um instante, ao menos até passar a hora fatal.

(Telmo sai com repugnância, e rodeando para ver se chega ao pé de Madalena. Jorge, que o percebe, faz-lhe um sinal imperioso; ele recua, e finalmente se retira pelo fundo.)

CENA VIII

MADALENA, MANUEL DE SOUSA, JORGE

MADALENA

— Jorge, meu irmão, meu bom Jorge, vós, que sois tão prudente e reflectido, não dais nenhum peso às minhas dúvidas?

JORGE

— Tomara eu ser tão feliz que pudesse, querida irmã.

MADALENA

— Pois entendeis?...

MANUEL

— Madalena... senhora! Todas estas coisas são já indignas de nós. Até ontem, a nossa desculpa, para com Deus e para com os homens, estava na boa-fé e seguridade de nossas consciências. Essa acabou. Para nós já não há senão estas mortalhas *(tomando os hábitos de cima da banca)* e a sepultura dum claustro. A resolução que tomamos é a única possível; e já não há que voltar atrás... Ainda ontem falávamos dos condes de Vimioso... Quem nos diria... oh, incompreensíveis mistérios de Deus... Ânimo, e ponhamos os olhos naquela cruz! Pela última vez, Madalena... pela derradeira vez neste mundo, querida... *(Vai para a abraçar e recua.)* Adeus, adeus! *(Foge precipitadamente pela porta da esquerda.)*

CENA IX

MADALENA, JORGE, coro dos frades dentro

MADALENA

— Ouve, espera; uma só, uma só palavra, Manuel de Sousa!...
(*Toca o órgão dentro.*)

CORO

(dentro)

— De profundis clamavi ad te, Domine; Domine, exaudi vocem
meam.⁽¹⁷⁾

MADALENA

(indo abraçar-se com a cruz)

— Oh, Deus, senhor meu! pois já, já? nem mais um instante,
meu Deus? Cruz do meu Redentor, ó cruz preciosa, refúgio de infelizes,
ampara-me tu, que me abandonaram todos neste mundo, e já não posso
com as minhas desgraças... e estou feita um espectáculo de dor e de espanto
para o céu e para a terra! Tomai, Senhor, tomai tudo... A minha filha
também?... Oh, a minha filha, a minha filha... também essa vos dou,
meu Deus. E agora, que mais quereis de mim, Senhor? (*Toca o órgão outra vez.*)

CORO

(dentro)

— Fiant aures tuæ intendentes, in vocem deprecationis meæ.

JORGE

— Vinde, minha irmã, é a voz do Senhor que vos chama. Vai
começar a santa cerimónia.

⁽¹⁷⁾ Tive conselhos para não pôr em latim estes belos versetes do salmo penitencial que faço cantar aos frades. Não cedi, porque era faltar à verdade e diminuir a solenidade da impressão que a língua latina inquestionavelmente produz nas cerimónias da Igreja. Mostrou-me a experiência que eu é que tinha razão. Num poema narrativo teria feito como fiz no segundo canto de *Camões*, em que traduzi os versos de Job. Em drama, o que se representa deve ser o mais próximo possível do que efectivamente se passou, ou devia passar.» (A. Garrett)

MADALENA

(inxugando as lágrimas e com resolução)

— Ele foi?

JORGE

— Foi sim, minha irmã.

MADALENA

(levantando-se)

— E eu vou. *(Saem ambos pela porta do fundo.)*

CENA X

Corre o pano do fundo, e aparece a igreja de S. Paulo: os frades sentados no coro. Em pé, junto ao altar-mor, o PRIOR DE BENFICA. Sobre o altar dois escapulários dominicanos. MANUEL DE SOUSA, de joelhos, com o hábito de noviço vestido, à direita do Prior. O ARCEBISPO de capa magna e barrete, no seu trono, rodeado de seus clérigos em sobrepelizes. Pouco depois entra JORGE acompanhando MADALENA, também já vestida de noviça e que vai ajoelhar à esquerda do Prior. Toca o órgão.

CORO

— Si iniquitates observaveris, Domine; Domine, quis sustinebit?

PRIOR

(tomando os escapulários de cima do altar)

— Manuel de Sousa Coutinho, irmão Luís de Sousa, pois em tudo quisestes despir o homem velho, abandonando também ao mundo o nome que nele tínheis! — Sóror Madalena! Vós ambos que já fostes nobres senhores do mundo e aqui estais prostrados no pó da terra, nesse humilde hábito de pobres noviços, que deixastes tudo até vos deixar a vós mesmos... filhos de Jesus Cristo, e agora de nosso padre S. Domingos, recebei com este bento escapulário...

CENA XI

O PRIOR DE BENFICA, o ARCEBISPO, MANUEL DE SOUSA, MADALENA, etc. MARIA, que entra precipitadamente pela igreja em estado de completa alienação; traz umas roupas brancas, desalinhadas e caídas, os cabelos soltos, o rosto macerado, mas inflamado com as rosetas hécticas; os olhos desvairados; pára um momento, reconhece os pais e vai direita a eles. Espanto geral: a cerimónia interrompe-se.

MARIA

— Meu pai, meu pai, minha mãe, levantai-vos, vinde! *(Toma-os pelas mãos; eles obedecem maquinalmente, vêm ao meio da cena: confusão geral.)*

MADALENA

— Maria! minha filha!

MANUEL

— Filha, filha... Oh, minha filha... *(Abraçam-se ambos nela.)*

MARIA

(separando-se com eles da outra gente e trazendo-os para a boca de cena)

— Esperai: aqui não morre ninguém sem mim. Que quereis fazer? Que cerimónias são estas? Que Deus é esse que está nesse altar, e quer roubar o pai e a mãe a sua filha? *(Para os circunstantes.)* Vós quem sois, espectros fatais?... quereis-mos tirar dos meus braços?... Esta é a minha mãe, este é o meu pai... que me importa a mim com o outro? que morresse ou não, que esteja com os mortos ou com os vivos, que se fique na cova ou que ressuscite agora para me matar?... Mate-me, mate-me, se quer, mas deixe-me este pai, esta mãe, que são meus. Não há mais do que vir ao meio de uma família e dizer: «Vós não sois marido e mulher... e esta filha do vosso amor, esta filha criada ao colo de tantas meiguices, de tanta ternura, esta filha é...» Mãe, mãe, eu bem o sabia... nunca to disse, mas sabia-o; tinha-mo dito aquele anjo que descia com uma espada de chamas na mão, e a atravessava entre mim e ti, que me arrancava dos teus braços quando eu adormecia neles... que me fazia chorar quando meu pai ia beijar-me no teu colo.

Mãe, mãe, tu não hás-de morrer sem mim... Pai, dá cá um pano da tua mortalha... dá cá, eu quero morrer antes que ele venha (*incolhendo-se no hábito do pai*). Quero-me esconder aqui, antes que venha esse homem do outro mundo dizer-me na minha cara e na tua — aqui diante de toda esta gente: «Essa filha é filha do crime e do pecado!...» Não sou; dize, meu pai, não sou... dize a essa gente toda, dize que não sou... (*Vai para Madalena.*) Pobre mãe! tu não podes... coitada!... não tens ânimo... Nunca mentiste?... Pois mente agora para salvar a honra de tua filha, para que lhe não tirem o nome de seu pai.

MADALENA

— Misericórdia, meu Deus!

MARIA

— Não queres? Tu também não, pai? Não querem. E eu hei-de morrer assim... e ele vem aí...

CENA XII

MARIA, MADALENA, MANUEL, o ROMEIRO e TELMO,
que aparecem no fundo da cena, saindo detrás do altar-mor

ROMEIRO

(para Telmo)

— Vai, vai; vê se ainda é tempo; salva-os, salva-os, salva-os, que ainda podes... (*Telmo dá alguns passos para diante.*)

MARIA

(apontando para o romeiro)

— É aquela voz, é ele, é ele! Já não é tempo... Minha mãe, meu pai, cobri-me bem estas faces, que morro de vergonha... (*Esconde o rosto no seio da mãe*) morro, morro... de vergonha. (*Cai e fica morta no chão. Manuel de Sousa e Madalena prostram-se ao pé do cadáver da filha.*)

MANUEL

(depois de algum espaço, levanta-se de joelhos)

— Minha irmã, rezemos por alma... incomendemos a nossa alma a este anjo, que Deus levou para si. Padre Prior, podeis-me lançar aqui o escapulário?

O PRIOR

(indo buscar os escapulários ao altar-mor e tornando)

— Meus irmãos, Deus aflige neste mundo àqueles que ama. A coroa de glória não se dá senão no céu.

(Toca o órgão: cai o pano.)